

A BATALHA

Director: JOSÉ S. SANTOS ARRANHA
Editor: CARLOS MARIA COELHO
Propriedade da CONFEDERAÇÃO
GERAL DO TRABALHO
Aderente à Associação Internacional
dos Trabalhadores
Assinatura: Incluindo o suplemento se-
manal, Lisboa, mês 9500; Província, 3 me-
ses 28500; África Portuguesa, 6 meses
70800; Estrangeiro, 6 meses 110800.

PROSSEGUE O MOVIMENTO INSURRECCIONAL

Infantaria 33, da 2.ª Divisão, com sede em Lagos, chegou ontem no combóio 22 a Alcácer do Sal. O governo mandou levantar a ponte de Alcácer e enviou infantaria 16 e guarda republicana ao encontro dos revoltosos. No Norte, o movimento estende-se a Braga, Vila Real, Lamego e Amarante. A cidade do Porto conserva-se, aparentemente, tranqüila. De Évora não há comunicações. Em Lisboa há sossego e boatos, conservando-se todas as forças de prevenção rigorosa.

A atitude do operariado é de neutralidade e expectativa

O operariado, pela natureza da sua organização sindicalista, é alheio e não intervém nos acontecimentos políticos. Não tem ambições de poder, porque tem como aspiração máxima a destruição de todo e qualquer poder político. Presentemente, limita-se a exercer uma crítica impiedosa, mas inteligente sobre todos os governos, porque não defende nenhum, porque não apoia nenhum.

Nos acontecimentos de agora não intervém, porquanto não verificou ainda qualquer atitude de hostilidade para com a organização operária. De resto, não é nosso hábito enveredar por caminhos que não sabemos onde vão dar. Do movimento revolucionário sabe-se apenas de positivo que hostiliza o partido democrático, cuja alma e cujo cérebro—ambos bem escassos—são o sr. António Maria da Silva.

Não temos por este homem, nem por este partido a menor consideração. Afirmamo-lo neste momento—porque é nas ocasiões que se conhecem os homens. O partido democrático tem sido para o operariado um inimigo intolerante e feroz. Tem praticado todos os crimes. Faz hoje precisamente dois anos que nos Olivais a polícia caçou a tiro alguns operários. Houve, pouco tempo depois, os fusilamentos de Silves, que atingiram, de preferência, crianças filhas de operários. As deportações não têm perdão. Os assassinatos de operários presos, a pretexto de que pretendiam fugir, indignaram toda a gente de bem. Este partido e este homem estão manchados de sangue. E a Organização Operária, que não defende governos, que nem sequer os apoia, muito menos se importará da sorte deste governo do que da de outro qualquer.

O movimento é contra o António Maria da Silva e contra o partido democrático? A ele estamos alheios, porque não entramos em movimentos políticos; quedos e neutrais permaneceremos perante a sorte dos actuais governantes, porque não temos por eles a menor piedade.

O movimento é feito por militares e singra com probabilidades de vencer mais porque todas as oposições políticas querem o aniquilamento do partido democrático do que por desejarem o triunfo de qualquer general.

As oposições, que neste momento, se mantêm numa estranha ligação de radicais e conservadores, só possível pelo ódio que todos votam ao partido democrático, virão talvez às mãos após o triunfo. Esmagado o inimigo comum, disputarão depois os louros da vitória. Mas isso ainda é lá com eles. A Organização Operária que não quer agora entrar na refrega também não intervirá mais tarde na disputa dos lucros do triunfo.

Neste momento se quizessemos quebrar a neutralidade dos nossos princípios, só teríamos dois maus caminhos a seguir: postarmos-nos ao lado do governo contra os revoltosos ou pactuar com os revoltosos contra o governo. Nenhum destes caminhos, que nos fariam atrair os princípios que temos defendido, queremos trilhar. Ficamos, pois, fora da contenda, examinando-a, seguindo-a com atenção, prontos a defender a nossa organização dos ataques que qualquer dos contendores nos queira dirigir.

E esta atenção, ou melhor esta prevenção contra qualquer cilada não deve ser platónica. Se os que veem, os que querem alcançar o poder, se limitarem a ajustar as suas contas com o partido democrático, nós continuaremos como até agora a assistir ao espectáculo; se, porém, qualquer das escassas e justas liberdades que o povo trabalhador gosa for ameaçada—interviremos. Mas a nossa intervenção será ainda de carácter operário, sem intuídos políticos. E é para a defesa dessas liberdades e regalias que o proletariado de todo o país, nesta hora de expectativa, deve estar preparado e atento. E nada mais...

O movimento revolucionário anunciado há largos dias eclodiu na madrugada de ontem. Ao invés do que se anunciava a revolução não teve início em Lisboa. Reventou em Braga, cidade onde tem sede a 8.ª divisão, e sob o comando do general Gomes da Costa.

Do carácter do movimento pouco ou nada se sabe. Apenas se insinua que a revolução visa a destruir a dinastia do Partido Democrático e apear a chefia de António Maria da Silva.

Todavia os boatos fervejam. Diz-se que aderiram a 4.ª e a 7.ª divisões. Afirma-se que a província em peso marcha sobre Lisboa para esmagar o governo.

De positivo nada se sabe. Pressente-se que estamos ante um pronunciamento militar que derivará numa ditadura.

O leitor que tire as ilações devidas ao noticiário que segue porque ele é bem expressivo:

As providências logo que foi conhecida a rebelião

A's 21 horas de antontem entraram de prevenção rigorosa as forças da guarnição militar de Lisboa, tendo sido estabelecido serviço de segurança à volta dos quartéis, pois que se anunciavam assaltos. Hora e meia depois, a ordem de prevenção estendeu-se a todas as polícias. A Armada entrou igualmente de prevenção às 22 horas.

Entretanto, na rua Tenente Valadim era detido um automóvel que seguia em direcção à Cova da Moura. Conduzidos ao Governo Civil as pessoas que nele seguiam, apurou-se ali que eram os srs. Carlos da Maia, irmão de José Carlos da Maia, oficial da Armada morto no 19 de outubro, Joaquim Cabeçadas, irmão do comandante Mendes Cabeçadas, chefe do movimento de 19 de julho de 1925, e Guedes Dias, tenente da Administração Militar. O primeiro destes indivíduos, apesar de civil, estava fardado de capitão. Ficaram detidos.

A's 23 horas registou-se, junto de vários quartéis, o aparecimento de grupos suspeitos, que as patrulhas puzeram em fuga. Na Ajuda, principalmente, onde estão aquarteladas infantaria 1, cavalaria 2, artilharia 3, telegrafistas, sapadores de praça e uma companhia da G. N. R., as medidas de precaução foram mais rigorosas; mas a noite decorreu sem incidentes graves.

Também o forte da Ameixoeira foi rondado por um numeroso grupo de civis, que, segundo parece, esboçou uma tentativa de assalto, facilmente repelida.

Vários pontos da cidade eram rigorosamente vigiados. O Chiado e o Cais do Sodré, principalmente o primeiro, porque se receava algum assalto ao Governo Civil, cujo acesso era interditado e o segundo, porque se falava no embargo de vários elementos revolucionários num garagem, ali efectuado, não se sabia com que fim.

A vigilância em volta dos quartéis foi apertada durante a manhã e tarde de ontem especialmente em infantaria 1, na calçada da Ajuda, G. N. R., às Janelas Verdes e no Carmo e em Sapadores dos Caminhos de Ferro, a Campo de Ourique. O batalhão de infantaria 2, aquartelado nas Janelas Verdes, saiu de madrugada com destino desconhecido. Nas ruas que dão acesso ao edifício do governo civil só é permitida a passagem aos seus moradores.

Boatos e mais boatos

Entretanto iam chegando as mais inverosímeis notícias do norte, as quais nos davam a perceber que a 8.ª divisão, que tem cerca de 2000 homens, aderiram várias unidades de outras divisões.

Do sul também nos davam nota de um grande movimento de tropas que afinal não veio a confirmar-se.

A última versão que correu foi a de que a concentração das forças revoltosas do sul se fazia em Extremoz, sob o comando do general Carmona e das forças do norte se fazia em Braga, às ordens do general Gomes da Costa.

Uma proclamação ao exército e à armada

Foi distribuída pelas unidades do exército e da marinha a seguinte proclamação: «Oficiais, sargentos, soldados, marinheiros e povo de Lisboa!

A revolução está em marcha. Ajazra a todo o país. Vencerá, porque combatemos cheios de fé, contra todos os desmandos, violências e roubos de que a nação tem sido vítima. Não acreditem em explorações políticas. O nosso movimento é reitadamente republicano, fora dos partidos. Não tem sítio militarista—apesar de ser feito pelo exército.

Garante a todos a liberdade, conquistada pelo operariado e respeita todas as opiniões, para dignificar a República, moralizar a administração do país e meter na cadeia todos os comprovados criminosos.

Quem se bater contra nós fá-lo contra a nação, a favor dos patifes de todos os partidos—essa legião de sádicos responsáveis por todas as misérias e vergonhas que vexam a República e que tornou possível o ambiente corrupto onde foi possível surgir a Angola e Metrópole, Transportes Marítimos, Bairros Sociais, 50 milhões de dólares, Exposição do Rio de Janeiro, etc. Oficiais, soldados, marinheiros e povo de Lisboa!

Não defendam por mais tempo uma situação que nos avilta aos olhos do mundo. A Constituição da República é clara: manda-nos defender a Pátria dos inimigos externos e internos.

Eis a missão do exército. E' seu inimigo todo o cidadão que põe o interesse particular acima do da Pátria. Um dever patriótico fez-nos revolucionários.

Viva a Pátria! Viva a República! Viva a Revolução Nacional! (a) Junta de Salvação Nacional.

Foram adoptadas medidas coercitivas contra a imprensa

A polícia não permitiu ontem a saída do jornal *O Mundo*, estando a sua redacção e casa das máquinas guardadas pela polícia. Alguns exemplares que foram postos em circulação eram apreendidos pelas polícias, da mão dos leitores.

Os mesmos agentes apreendiam também a 2.ª edição do *Diário de Notícias* e o semanário radical *A Revolução de Almada*. *O Século* apareceu com alguns claros, indicativos de censura.

A propósito dos rigores da polícia para com *A Tarde* recordamos deste vespertino a seguinte notícia:

«Recebemos hoje a visita dum cidadão, armado de carabina. Sem mais ofício ou nota assinada, apenas de boca, vem comunicar-nos que o sr. governador civil mandava apresentar um exemplar do jornal na polícia para autorizar a sua circulação.

Nada disto é delicado nem legal. Se o sr. Barbosa Viana fôsse republicano haveria de saber que numa República só a lei tem prestígio e força e que é o seu cumprimento que torna as autoridades respeitadas. Se o mesmo sr. fôsse uma pessoa de hábitos corizes mandaria a sua intimação aos jornais, ainda que ilegal, por uma forma mais correcta.

Fazemos estes reparos não vá o sr. Viana julgar que manda em nossa casa ao ponto de, quando quiser reclamar qualquer festa a favor dos meninos rambos da sua predilecção, nos mandar intimar por um polícia a publicação dos réclames.

Contra as medidas de excepção da polícia *A Batalha* lavra o seu indignado protesto. A censura aos jornais, tanto mais quando estão em exercício as garantias constitucionais, é um acto arbitrário, um acto contra o qual todos nos devemos rebelar.

O movimento é republicano, afirmam-nos um esquerdista

A opinião de um elemento pertencente à esquerda democrática, neste momento em que se afirmava a participação daquela facção política no movimento, era de uma grande importância. Porisso procurámos ontem um categorizado esquerdista que sem relutância, depois de prometermos omitir o seu nome, nos fez as seguintes revelações:

—O partido da esquerda democrática não tem ligação oficial com os revoltosos. A sua posição é de atenta expectativa.

—Mas insinua-se que houve entendimentos com um dos chefes revolucionários... Alguém nosso avistou-se com o comandante Mendes Cabeçadas, chefe da revolta, que havia manifestado desejo de uma troca de impressões. Desse encontro resultou a afirmação por parte de Cabeçadas de que os objectivos do movimento tendem à reposição da constituição republicana em toda a sua pureza de 5 de Outubro de 1910, e a moralização da administração pública. Mais nos disse o chefe revolucionário que o movimento foi impulsionado especialmente pela necessidade de arrancar o país à ditadura do partido democrático.

—Nesse caso no movimento não estão envolvidos elementos abristas?

—Afirmando-nos o comandante Cabeçadas não ter quaisquer ligações com os fascistas nem com os elementos do 18 de Abril, muito embora saiba que os generais Carmona, Sinal de Cordes e comandante Filomeno da Câmara fizeram aliciamentos. Porém, não são em grande número nem da melhor qualidade esses elementos dos conservadores. Garantiram-nos que tem recursos para vencer. A maior parte das localidades sublevadas obedecem-lhe, com elas marchará até Lisboa, donde, apesar de não contar muitos adeptos, não espera grande resistência.

—Está arredada toda a hipótese de ditadura?

—Informou-nos que não pensa em estabelecer ditadura. Triunfante a revolução proceder-se-á há às eleições gerais, mas como no prazo constitucional, que é de 40 dias, não haverá tempo de banir a influência eleitoral dos democráticos que têm a máquina montada segundo as suas conveniências, estabelecer-se-á um período revolucionário de mais curto que puder ser. Depois muito animado: —Nesse período, afirmou-nos ele, procurar-se-á manter em estado de satisfação as

classes trabalhadoras, respeitando-lhes todas as liberdades e regalias.

Já à despedida: —Nós cá ficamos na expectativa. Se o movimento fôr aquilo que nos asseverou Mendes Cabeçadas, com um tom que nos pareceu sincero, bem está; senão, a nossa posição será ao lado dos que defendam as liberdades populares contra todas as violências.

A's armas, Portugal! Portugal! às armas pela Liberdade e pela honra da nação!

A's armas Portugal. — *Gomes da Costa, general.*

O Parlamento e os acontecimentos

A última sessão do actual período legislativo estava marcada para as 15 horas. Uma hora depois, e sob um ambiente melancólico, iniciaram-se os trabalhos.

Faltou em primeiro lugar o sr. Leite de Magalhães que se ocupou das pautas alfanegárias.

Seguiu-se o sr. Carlos de Vasconcelos que combatu as medidas da polícia para com o jornal *O Mundo*, impedindo a sua circulação.

E muito indignado: —«Os acontecimentos desta noite, cuja origem e finalidade ainda desconhecemos, provocaram, da parte do governo, abusos verdadeiramente inqualificáveis e contra os quais a Esquerda Democrática quer protestar.

Contra o jornal *O Mundo* fez-se sentir uma vez a ditadura afronçada do sr. António Maria da Silva.

A Esquerda Democrática não está imiscuída em movimentos que não sabe para onde vão. Porque se abriu um precedente agressivo contra o mais velho jornal republicano?

Acusam os revolucionários de quererem derrubar a República. E que havemos nós, então, de dizer do governo?

Em nome da E. D. lavro o meu mais caloroso protesto contra a atitude de um governo que se obstina em estar fora da lei.

Seguiram-se no uso da palavra outros deputados que se ocuparam de assuntos estranhos aos acontecimentos.

Nenhum dos membros do governo compareceu em São Bento.

A polícia exerceu uma rigorosa vigilância sobre as pessoas que entravam na Câmara dos Deputados para assistir à sessão, sendo grande a quantidade de armas de fogo—revólveres e pistolas—que se juntaram no bengaleiro, para guardar, visto não ser permitida a entrada de quem se apresentasse armado.

As oposições recusam-se a atender um pedido do presidente da República

A convite do presidente da República reuniram ontem em Belém os srs. Cunha Leal, Herculano Galhardo, Correia Barreto, Júlio Dantas, Rodrigues Gaspar, Ramada Curto, Vitorino Guimarães, José Domingues dos Santos, Moura Pinto, Pedro Pita e Alvaro de Castro, *leaders* das oposições.

Na reunião referida, o Chefe do Estado manifestou aos *leaders* das oposições o desejo de que, em face dos graves acontecimentos que se estão desenrolando no país, o governo fôsse ao menos por ontem, bem recebido nas Câmaras.

Os *leaders* responderam ao presidente da República que, tendo definido uma atitude em conformidade com os supremos interesses do País, sentiam que nenhuma conveniência nacional os aconselhava a modificá-la.

A atitude da esquerda democrática

O Directório do Partido Republicano da Esquerda Democrática enviou, na madrugada, de ontem aos jornais a seguinte nota oficial:

«O Directório do Partido Republicano da Esquerda Democrática, reunido extraordinariamente, tendo conhecimento de que se esboça um movimento revolucionário, com certas características e finalidades, neste momento ainda desconhecidas, e desejando conservar-se sempre fiel às suas afirmações de necessidade do restabelecimento da Ordem Constitucional, recomenda a todos os seus filiados a maior serenidade, aguardando ordens deste Corpo Dirigente».

O comandante Mendes Cabeçadas dirige-se ao chefe do Estado

Ex.ª Sr. Presidente da República:—Os oficiais representando a grande maioria do Exército, encarregam-me de comunicar a V. Ex.ª o seu veemente desejo de que a actual crise política seja resolvida, nomeando V. Ex.ª um governo de carácter extraordinário constituído por republicanos que mereçam a confiança do país. O Exército, fazendo este pedido, está certo de que interpreta o sentir da nação.

Subservo-me de V. Ex.ª V. Ex.ª Comandante José Mendes Cabeçadas Junior».

Uma proclamação

O general Gomes da Costa, que comanda, segundo as informações oficiais, a divisão de Braga, fez distribuir a seguinte proclamação:

«Portugueses: Para homens de dignidade e de honra, a situação política actual deste país é inadmissível.

Vergada sob a acção duma minoria de-

vassa e tirânica, a nação, envergonhada, sente-se sufocar, sente-se morrer.

Eu, por mim, revoltado-me abertamente; e os homens de valor, de coragem e de dignidade que venham ter comigo, com as armas na mão, se quiserem comigo vencer ou morrer.

A's armas, Portugal! Portugal! às armas pela Liberdade e pela honra da nação!

A's armas Portugal. — *Gomes da Costa, general.*

O que se passou ontem no Porto

PORTO, 28.—Entrámos numa fervilhagem de boatos. A noite passada esteve animada de grupos civis à espera de novas sobre os acontecimentos que diziam ter estalado em diversos pontos do país—ou à espera da eclosão militar que afirmavam ir dar-se nesta cidade. A mistura com outras fantasias talhadas ao gosto de cada alviteiro, correu também que a guarnição do Porto se iria, de madrugada, concentrar na Serra do Pilar.

Actual, não houve outra concentração do exército tripeiro, senão aquela proveniente da rigorosa prevenção dentro dos respectivos quartéis.

Quando circulavam boatos alarmantes de alteração da ordem pública na capital, é costume haver uma meia prevenção. Desta vez, porém, como ela foi de um rigor desusado, tocando, inesperadamente, a levantar companhias, deu motivo a uma certa apreensão. Daí o supor-se que o Porto militar se preparava para aderir ao movimento revolucionário.

A's portas de alguns quartéis, entre eles o da guarda republicana do Carmo, via-se alguma animação por parte de soldados e oficiais.

umas proclamações da Junta de Salvação Pública de Lisboa foram parar ao quartel da G. N. R. de São Braz. No entanto, um oficial declarou a uns jornalistas que a Guarda não se inclina para zaragatices revolucionárias. E' de presumir, pois, que idénticas proclamações fôsssem para outros quartéis.

O general, que estava para fora, foi chamado a toda a pressa. Diz-se mesmo que estava em Braga, onde as tropas revoltadas consentiram que o sr. Sousa Dias saísse. Porquê, segundo as notícias dos *placards* afixados hoje, as guarnições de Braga e Vila Real revoltaram-se, e o comando geral das forças revolucionárias está entregue ao general Gomes da Costa.

Se avaliarmos que o Minho e Douro está ao serviço militar, e que forças militares, entre elas artilharia 6, têm marchado para cima em comboios especiais—é de considerarmos verosímeis os informes.

Para Ermezinde seguiram também forças, onde estão concentradas.

Novas notícias esclarecem-nos de que a insubordinação militar é em Braga, Vila Real, Lamego e Amarante. Chegaram estes informes a ser publicados em *placards* do *Jornal de Notícias*, alguns dos quais a polícia rasgou.

Garante-se, oficialmente, que o general Domingos Peres, comandante da 8.ª divisão (Braga), para não obedecer às imposições dos revoltosos, partiu para Valença, onde está organizando uma coluna mista, com a qual conta, por Viana, avançar sobre Braga, a-fim de sufocar o movimento.

Há quem diga que o general da 2.ª divisão, ao sair de Braga, como acima dizemos, fôra com a condição dele não hostilizar o movimento.

O elemento radical e esquerdista mostra-se um tanto ou quanto satisfeito, pois supõe o movimento de boas intenções moralizadoras, saneadoras, e de avanço republicano.

Por enquanto, a despeito disto tudo, a cidade ainda não tem suspensas as garantias.

Está interrompido o serviço do Minho e Douro. E até à hora do rápido, nada mais.

Um feixe de notícias

O comando da divisão mandou um pelotão de infantaria 1 e um esquadrão de cavalaria 2 para Queluz, para junto do grupo de baterias a cavalo, como simples medida de precaução.

O general comandante da divisão de Lisboa declarou hoje que «a divisão está firme, e por ela responde o seu comandante».

Os passageiros vindos de Évora, que chegaram ontem à estação do Terreiro do Paço, são unânimes em afirmar que não notaram nada de anormal naquela cidade.

No entanto, sabe-se que a 4.ª divisão do exército não tem respondido aos telegramas do governo, em que este pede informações sobre a situação naquela cidade.

A's 16 horas, um oficial do Exército fez expedir um telegrama pelo Sul e Sueste, no qual o governo pergunta ao comandante da 4.ª divisão o motivo por que não respondeu ainda aos telegramas que lhe enviou, instando, ao mesmo tempo, por informações sobre a situação das tropas ali aquarteladas.

Consta que chegaram a Beja alguns contingentes do Exército.

Sabe-se que, se os revolucionários do Sul avançarem sobre o Alentejo, a divisão de Évora tem instruções para os deter em Beja.

Duas companhias de infantaria 5 aquarte-

ladas nas Caldas da Rainha revoltaram-se tendo marchado sobre Santarém. O governo mandou sair para ali, em serviço de re-

conhecimento, um avião, que informa não ter encontrado os referidos militares.

O dr. Carlos da Maia e João Cabeçadas, presos por suspeita de estarem implicados no movimento insurreccional, recolheram a esquadra do Caminho Novo.

Cerca das 14 horas de ontem o governador civil enviou à imprensa a seguinte nota oficial:

«O conselho de ministros apreciando a situação verificou que dispõe de todos os elementos para manter a ordem; o sr. general Peres com um destacamento misto organizado em Viana do Castelo por forças fiéis e dois destacamentos mistos idos do Porto e sob as suas ordens, prepara-se para atacar os revoltosos de Braga. Avião, enviado em reconhecimento a Maíra, Caldas, Leiria e Santarém, não observaram qualquer movimento de tropas; as ligações telefónicas e telegráficas funcionam regularmente».

O governo recebeu comunicação que uma força de 300 praças de infantaria 7 se revoltou e seguiu de Leiria a caminho de Santarém. O governo mandou seguir um aeroplano em reconhecimento.

A porta da «Garrett» foi preso pela polícia um filho do falecido ministro sr. Fernandes Costa; por ter dito que «aquilo tudo estava a pedir uma bomba de clorato de potassa».

As tropas da guarnição da cidade de Setúbal entraram ontem de prevenção rigorosa, em virtude do movimento revolucionário em perspectiva.

Pouco depois das 6 horas de ontem o vapor *Voador* rebocou do paiol, que se encontra no quadro dos nossos navios de guerra, uma fragata contendo munições e que tomou o rumo de Belém.

Fôrças militares de Faro e Lagos, seguiram para Évora a-fim de se juntarem aos revolucionários de Extremoz que já ali se encontram.

Foi superiormente ordenado que todos os estabelecimentos da cidade fechem à meia noite.

As ambulâncias dos bombeiros municipais e voluntários, os corpos de saúde, a guarda fiscal, assim como os hospitais, estão de prevenção.

Do Governo Civil foi distribuída, às 9 horas, a seguinte nota oficial:

«Há sossego em todo o país. Apenas uma parte da guarnição de Braga está revoltada sob o comando do general sr. Gomes da Costa. No Porto o sossego é absoluto. Foram organizadas duas colunas para seguir para Braga, a-fim de dominar os revoltosos».

Segundo as informações obtidas pela Polícia de Segurança do Estado, há três generais comprometidos no movimento militar. O general Gomes da Costa actuaria em Braga; os outros dois teriam a sua acção em Évora, um, e em Lisboa, outro.

Foi preso em Maíra o engenheiro Rosi Mateus.

A's 18 horas reuniu-se o conselho de ministros, no Governo Civil. Da província não há notícias que alterem a situação. Em Lisboa o sossego é absoluto, sendo infundados os boatos relativos à 1.ª divisão.

O governo declarou: «Dominarem a situação em Braga, pois no resto do país não oferecem gravidade os casos isolados sucedidos».

Assistiu também ao conselho de ministros o sr. coronel Patacho, da Inspeção Geral das Polícias.

O Grupo de Artilharia a Cavalo, de Queluz, foi mandado aporantar e seguir para Lisboa, recolhendo ao quartel de cavalaria 2.

Em Almada foi estabelecido um rigoroso serviço de vigilância. Nada de anormal, porém, ali se passou, o mesmo acontecendo no Barreiro.

Foi ordenado que a divisão naval de cruzadores, composta dos cruzadores «Admiral» e «Carvalho Araújo», que retirou há dias de S. Vicente de Cabo Verde, com destino a Lisboa, com escala pela Madeira, ficara fundeada no Funchal, até nova ordem.

Por causa dos acontecimentos militares, continua a haver prevenção rigorosa. No gabinete do sr. ministro da marinha, ficaram toda a noite os oficiais que ali prestam serviço, e no Comando Geral da Armada ficou um almirante, um oficial superior e um subalterno.

Informam-nos que em Maíra houve uma tentativa de rebelião, mas foi sufocada. As forças de Queluz vieram para Lisboa à ordem do governo e estão aquarteladas em Lanceros. Évora está sob o comando do tenente-coronel Pires Viegas e em Évora, Portalegre, Vendas Novas, Setúbal e Por-

Memórias dum cabo de polícia

(Continuação)

A escolha dos componentes da polícia não obedece a qualquer critério inteligente. Por isso aquela corporação é constituída por homens sem educação, que não medem as responsabilidades na vida social, nem sabem manter o prestígio da corporação a que pertencem. No actual critério é bom polícia o que sabe «arrear».

Existem por lá homens que abandonaram artes e ofícios para ir a satisfazer ódios e vindictas pessoais. E depois de cometerem toda a espécie de abusos, até furtos, ausentam-se, quando não são expulsos.

Há os que são importados da província, rudes, boçais, sem a menor cultura para exercerem tão espinhosa missão, e que passado tempo, por influência de políticos seus conterrâneos, conseguem alcançar-se a postos para os quais não têm competência. Tornam-se despotas, vexando toda a gente.

Eu não queria uma polícia modelo, como a de Paris, Londres ou New York, visto que o português não tem uma educação semelhante à do grande público daquelas cidades. Desejaria, porém, uma polícia com prestígio e educação, que não passasse fome, bem uniformizada, e que os elementos que para ela entram fossem seleccionados com rigor tanto físico como moralmente. (*)

Parece que ainda estou vendo, na visita do rei da Bélgica, a maneira ridícula como a polícia apareceu, com uniformes de quatro feições. Estávamos no rigor do inverno. Por toda a Junqueira, a polícia que se estendia em cordão, oferecia aos transeuntes o espectáculo tristemente interessante dos seus fatos de kiki. O mesmo aconteceu quando da imposição do barrete cardinalício ao Núncio Locatelli.

Que ideia fará da nossa miséria e da nossa educação, os personagens ilustres que nos visitam?

O Núncio Locatelli teve o seu palácio nas Picotas interiormente vigiado por praticas da polícia. Estas entreteimiam-se a desenharem a carvão obscenidades nas paredes, com insultos áquilo alto dignitário da Igreja. O esculdeiro viu-se obrigado a pôr os guardas a prestar serviço fora do palácio, acabando com uma pequena gratificação que lhes recebiam. Este facto provou-se quando eu era cabo na esquadra do Rato, e seguia dali pessoal para a Legação do Papa.

As estações policiais são uma verdadeira lástima.

O expediente faz-se por conta-gotas. Os dormitórios são anti-higiénicos; não temos mantas, as enxergas estão cheias de parasitas, tendo de fazer-se de quando em vez o despolimento, como ultimamente sucedeu na casa dos piquetes de onde o guarda n.º 1418 trouxe 19 «intrusos» da propriedade alheia. Fez mal não as levar ao Governo Civil.

Os chefes mandam colher donativos pelo comércio local para fazer reparações nas esquadras, comprar bandeiras, cordões para pistola, etc. Os guardas transformaram-se, assim, em mendigos.

Até o sr. Viriato Lobo, ex-governador civil de Lisboa, pôz toda a polícia a pedir esmola em Outubro de 1923, dando-lhe cadernetas para venda de senhas ao público a dez centavos cada. Houve guardas que deram em ótimos mendigos, assaltando os transeuntes a quem impingiam as referidas senhas, desrespeitando assim o decreto de 4 de Agosto de 1912, que proíbe a mendicância.

Dos calabouços das esquadras não é preciso falar. Melhor do que eu a imprensa de todos os matizes a eles se têm referido, condenando o facto de se juntarem políticos com gatinhos, crianças acusadas de pequenos delitos com homens viciados pelo crime.

(Continua)

(*) Escusado seria acentuar que a doutrina de *A Batalha* é completamente diferente da do autor das Memórias dum cabo de polícia. Para não tirar a espontaneidade e para conservar a verdade do relato não lhe alteramos o sentido.

DENTES ARTIFICIAIS a 25000. Extracções sem dor a 15000. Concertam-se dentaduras em 4 horas a 20000. Dentaduras completas sem placa em «cauchú». Consultas das 11 da manhã às 8 da tarde.

MARIO MACHADO
R. Garrett, 74, 1.º (Chiado)

Epílogo de uma tragédia

MUNICH, 28. — Realizou-se esta manhã o funeral das vítimas da catástrofe ferroviária de segunda-feira, encerrando todos os estabelecimentos e conservando-se as bandeiras a meia haste. Os funerais das 26 vítimas foram revestidos de grande importância e causaram grande impressão. — (L.)

SOCIEDADES DE RECREIO

Tuna Adeloungense. — A Tuna Recreativa Adeloungense, do lugar de A-dos-Loucos, perto de Vila Franca de Xira, realiza amanhã a festa comemorativa da sua reorganização.

De manhã, haverá passeio musical pelas ruas. Pelas 17 horas realiza-se um concerto pela Tuna, seguindo-se-lhe um certame de fado pelos exímios cantadores srs. José Filipe Covas, Mateus dos Santos Rato, Artur Mourato, Aurelio Dias, Laurentino Rocha, Alfredo Marques d'Oliveira e Luis dos Santos Rato (guitarrista).

Às 22 horas, baile.

to, não há nada. Parece que tudo se resume em pequenos núcleos aqui e ali.

Corre que no Setil estão concentradas tropas, ignorando-se donde procedem. Também se diz que o Governo vai mandar forças para o Entrocamento.

Às quatro e meia da tarde deram entrada no Governo Civil, cinco civis radicais — entre os quais, Manuel Pires — que, de madrugada, foram presos em Maia, por uma brigada da P. S. E.

Foram-lhes apreendidas três pistolas.

Em Almada, no local onde acamparam os revoltosos de 2 de Fevereiro, estão entinchados soldados da G. N. R.

DESPORTOS

Futebol

Campeonato Nacional de Futebol. — Solução-se o conflito. A final do Campeonato, Belenenses-Maritimos, realiza-se em Lisboa, no domingo, no Campo Grande.

É do domínio do público a celebração que se levantou por motivo de estar primitivamente marcado para o Porto a final do campeonato, uma vez que os campeões do Funchal e de Lisboa fossem os apurados pelos resultados obtidos no domingo passado.

A hostilidade manifestada, pelo público da capital do Norte, ao «Belenenses» quando jogou contra o «Olanense» ao ponto de alguns jogadores lisboenses terem sido agredidos ali à pedrada e às ameaças feitas, por espírito de *rèvanche*, pelos jogadores do Porto, por excitação motivada na derrota sofrida no jogo com o Marítimo, ameaças de se atribuir a Júlio Cardoso, capitão do «onze» do F. C. do Porto e que consistem em haver sido afirmado, «que o primeiro grupo de Lisboa que visitasse o Porto pagaria caro a hostilidade patenteada pelo público, no Campo Grande», foi a razão forte apresentada pelo Belenenses para se recusar a jogar naquela cidade, não se importando de disputar a final em qualquer outro ponto do país.

Os acontecimentos revolucionários, políticos, vieram tirar a Federação P. de Futebol de embargos.

Por sua parte, foi resolvido que o encontro decisivo tenha lugar em Lisboa no campo do Sporting.

Não querendo demonstrar que se curvava às exigências do campeão de Lisboa, aliás justificadas, revogando o previamente disposto no calendário oficial; não lhe concedendo transferir para outro meio onde as receitas seriam problemáticas, o decorrente movimento revolucionário veio às maravilhas para justificar a transferência do encontro para Lisboa, onde as receitas de bilheteira estão garantidas e salva ficaria a honra do clube. Apesar de tudo, o Porto não mostrará por certo da partida embora a justificação seja das mais fortes. Resta saber se a intenção militar não se alastrará a Lisboa, até domingo, transbordando, de maneira irritante, a solução que agrada a todos... menos a morte que lhe veio fugir uma excelente ocasião de se manifestar...

Como fora anunciada, realizou-se ontem em Belem a manifestação projectada em honra da direcção do clube campeão de Lisboa.

Algumas centenas de populares, sócios e simpatizantes, juntaram-se pelas 19 horas em frente da sede do Belenenses, vitoriano, do com palmas e vivas, destacando-se a comissão promotora da manifestação que fez entrega de uma mensagem congratulatória de aplauso à atitude da direcção do popular clube.

O sr. Luis Vieira veio à janela agradecer aos manifestantes, em nome dos seus colegas da direcção, comunicando-lhes as resoluções da Federação Portuguesa de Futebol, tomadas no sentido de transferir para Lisboa a disputa da final do Campeonato.

Volta ciclista da Itália

ROMA, 28. — Na sétima «etapa» da volta ciclista da Itália, Foggia-Summa, classificou-se Binda em primeiro lugar e Brunero em segundo. O grande corredor Girardengo abandonou a corrida. — (L.)

Operário Foot-Ball Club

Proseguem amanhã no campo de S. Vicente as festas comemorativas do 5.º aniversário deste Club, conforme o programa seguinte:

Às 13 horas, provas atléticas (inter-sócios), 44m, 100m, 200m, 300m; Lançamento de peso, saltos em altura com balanço e Estafetas 3x100.

Às 16 horas, desafios de futebol entre as 1.ªs categorias do «União Comércio e Indústria» (campeão da Promoção) e «Operário Foot-Ball Club».

Às 18 horas, desafios de futebol entre as 3.ªs categorias do «Grupo Desportivo Patria» e «Operário Foot-Ball Club».

Ocorrências diversas

No pósto da Cruz Vermelha do Calvário foi pensado, dando depois entrada no Hospital de São José, em cujo Banco lhe foi amputado o dedo indicador da mão direita, Luis do Nascimento, de 22 anos, natural de Barcarena, serralleiro, morador no pátio do Crbrito, 11, 2.º, a Alcantara e que ali, quando lançava fogo a uma bomba de artifício, esta explodiu, esfacelando-lhe aquele dedo e queimando-o na mão. Recolheu a casa.

No Banco do Hospital de São José recebeu curativo e recolheu a casa Fernando dos Santos Feiga, de 13 anos, trabalhador, residente na rua Duarte Pedros, em Algés de Cima, que ali, na fábrica de azulejos de José Vitorino Pereira, na estrada da Maruja, foi colhido por um balanço, ficando ferido na mão direita.

Na Morgue deu entrada Ventura dos Santos, de 65 anos, natural de Cascais e residente em Paço d'Arcos e que na praia daquela localidade foi acometido de doença súbita, tendo chegado ao Hospital de São José, onde foi transportado numa camiãoete do pósto de Socorros a Naufragos de Paço d'Arcos, já morto.

Ameaça de greve

VIENA, 28. — Os funcionários públicos ameaçam declarar-se em greve se o governo não atender as suas reclamações sobre melhoria de vencimentos. — (L.)

Maria Vitória

Todas as noites

FOOT-BALL

O Almoço das Senhas

A volta ao lar

A BATALHA

Revolvendo o monturo

O regime de trabalho nas cadeias de Lisboa só pode ser útil como justificação a todos os crimes

Ah! como é nobre trabalhar!

O trabalho é a fonte de todas as riquezas, o manancial de todas as belezas e paraíso de todas as alegrias, o eden de todos os sonhos imaginários. O trabalho purifica o corpo e o espírito. Trabalhar é, pois, o dever de todos os homens válidos.

Isto é muito mais que agora não dizemos, para que os leitores de *A Batalha* não julguem que trocamos deles, é um hino bonito para ser cantado nos salões nobres, depois dum jantar aristocrático. Pode ser também composto em poesias e tocado em piano numa linda música de sonoras vibrações, capaz de encantar as almas das bonecas da moda e dos manequins de ornamento, destinados a alegrar os que nunca trabalharam. O trabalho tem, de facto, na música e na poesia, uma consagração superior a todas as consagrações. Até os poetas de taberna fazem versos ao trabalho, enaltecendo-o e glorificando-o. Os políticos de todos as cores falam sempre — pelo menos em vésperas de eleições — da defesa dos que trabalham. Enaltecem com a maior facilidade o esforço da grande legião de trabalhadores.

Ser trabalhador é ser honrado! — É um velho lema de todas as civilizações. Porém, hoje, estamos na época em que poucos trabalham e são honrados. Honras que não dão dinheiro a ninguém. Honras que não são uma honra que traz aos que a possuem o martirólogo permanente duma vida de miséria e dor, debatendo-se em lares sem conforto à volta de velhas mesas onde o pão é sempre acanhado. O trabalho é para uns o tormento sem fim, para outros uma taboleta de negócios pintada nas cores de lindas frases, escolhidas para deliciar os estomagos no final dos bons manjares. Os que mais enaltecem o trabalho são, na maioria dos casos, os que mais se esquivam a trabalhar. De facto, desde que o roubo legalizado se tornou uma virtude convencional, todos fogem do trabalho, todos se esquivam ao sacrifício da produção. Na actual organização social nada há que sirva de incentivo ao trabalho, antes tudo o sacrificia e oprime, desde a iniciativa particular às leis e ao próprio critério do Estado.

O que serve de flor de retórica nos discursos políticos e nos jantares de gala é menosprezado pelas leis e escarnecido pelos homens da alta. Nem pode ser doutro modo, numa sociedade em que o roubo é a base da sua organização. Então compreende-se que, enquanto uns são ladrões à sombra das leis, outros sejam expoliados à sombra das mesmas leis.

O Estado, cujos homens falam constantemente na necessidade de trabalhar mais, é o principal ladrão do trabalho, o insaciável sugador da produção a que directa e indirectamente rouba, em todos os casos, a maior parte. Desde que o produto sai da terra até chegar às mãos do consumidor encontra a cada passo a raleira dos impostos. Isto já de si antecipado pelo expolio que na posse do proprietário do qual também uma parte pertence ao Estado. Sempre e por todos os meios a mão ladrava, oprimadora e terrível a impor a escravidão disfarçada!

É como melhor complemento desta obra nefasta é o próprio Estado que nas suas dependências, nas suas instituições de «defesa da sociedade» dá o melhor exemplo do roubo, o melhor estímulo à opressão e à escravidão branca. A miséria condição em que se mantêm as massas produtoras gera inelutavelmente as maiores misérias morais que têm como epílogo os crimes de toda a espécie, que uma legião infinitamente embrutejada expia por essas cadeias em nome da justiça e da lei. E os tribunais mais condenam, a polícia que prende, o governo que ordena, cometem ainda maiores crimes que todos os delinquentes. As cadeias portuguesas são verdadeiras escolas do crime, onde nem ao menos, pelo trabalho se pode procurar a regeneração.

Desde a direcção aos empreiteiros, todos se empregam no roubo descarado aos infelizes reclusos que ainda têm a ingenuidade de pensar que podem dignificar-se pelo trabalho, seguindo os conselhos sem nexo, que o juiz, maquiavelmente, do alto da sua sagrada tribuna, despeja sobre todos os condenados, por dever de ofício. Aos presos a quem por muito favor é permitido trabalhar no forte de Monsanto, quer nas oficinas do pátio, quer nos terrenos anexos e pertença do mesmo forte, são impostas condições tais que só o desejo de respirar um pouco de ar mais puro se pode levar ao trabalho. Além de lhes ser estipulado um salário muito inferior ao do estabelecido na indústria particular, são-lhes feitos descontos, tais que os pobres forçados, mesmo no regime de trabalho de empreitada, em uso nas oficinas de Monsanto, chegam ao fim da semana com uma fêria verdadeiramente irrisória.

João Maria MAJOR
Priso social do Forte de Monsanto

A greve mineira na Inglaterra
LONDRES, 28. — Continua sem mudança a situação da greve mineira, sendo apresentadas várias soluções que são consideradas como balões de ensaio.

Uma cidade destruída pelas chamas
MOSCÓVIA, 28. — Um incêndio destruiu completamente a cidade de Kotelnitch, no departamento de Viatcha. Estão sem abrigo mais de 7.000 pessoas; os prejuízos elevam-se a alguns milhões. — (H.)

Explosão de um paiol de pólvora
SÃO PAULO, 28. — Foram pelos ares um paiol e um depósito de munições. Perderam 2 oficiais e uns 20 soldados. — (H.)

FESTAS ASSOCIATIVAS
De hoje até à próxima segunda-feira, realizam-se várias festas em benefício dos pobres da freguesia de Santa Isabel. Recebemos e agradecemos as três senhas enviadas ao nosso jornal, para um bode que o referido grupo distribui.

Grupo Excursionista «Os Perdidos»
De hoje até à próxima segunda-feira, realizam-se várias festas em benefício dos pobres da freguesia de Santa Isabel. Recebemos e agradecemos as três senhas enviadas ao nosso jornal, para um bode que o referido grupo distribui.

Teatro Nacional
Telefone N. 3049
HOJE
a representação da interessante peça
Papillon, bom rapaz
Nos principais papéis:
Maria Pia, Otelo de Carvalho, Albertina de Oliveira, António Pinheiro, Alice Olegado, Ribeiro Lopes, Isilda de Vasconcelos e Emilia Fernandes.

Preços
(Incluindo todos os impostos)
Frizas 40000
Camarotas 40000
30000 e 20000
Fautuils 10000
Superiores 60000
Gera 4000
Varandas 3000

Teatro Avenida
Telef. N. 4356
COMPANHIA SATANELA-AMARANTE
ÚLTIMAS representações do
PÃO DE LÓ
com o FADO DO SOLDADO
4 de Junho — Inauguração da Época de Verão com o «vaudeville» de E. Rodrigues, F. Fernandes e João Bastos
O DR. DA MULA RUÇA

Teatro do Ginásio
HOJE — HOJE
a encantadora comédia
O ROSÁRIO
Protagonista: Palmira Bastos
No principal papel masculino:
Tarquínio Vieira

1 DE JUNHO — Inauguração da época de verão (grande redução de preços) com a espirotoosa farça
O CÉLEBRE PINA
Protagonista: Palmira Bastos
No principal papel masculino:
Tarquínio Vieira

TEATRO APOLO
Emp. Ruas — Telef. N. 1939
HOJE
A emocionante tragédia de Shakespeare
OTELLO
Protagonista:
Rafael Marques

TIVOLI
Telefone N. 5474
As 21 horas
PENÚLTIMA EXIBIÇÃO
O FANTASMA
— DO —
MOULIN ROUGE
História fantástica em oito partes
PARIS EM CINCO DIAS
Comédia em seis partes com o célebre artista
NICOLAS RIMSKY
UMA PANORÂMICA
Uma comédia de desenhos animados
Amanhã: MATINÉE ÀS 3 HORAS

TEATROS, MÚSICA E CINEMAS

No Trindade

«Los caballitos de madera», de Matilde Seroa (adaptação do francês)

Pega francesa, embora no cartaz apareça como sendo da autoria de Matilde Seroa, «Los caballitos de madera» pertence ao teatro do coração, que só visa a interceder, deixando o espectador suspenso ainda mesmo quando o pano desce no seu final. O prólogo e o epílogo definem-no com galantaria, os três actos sintetizam-no com vigor e brilho.

Ernesto Vilches, extraordinário de vida íntima no seu papel de «Ricardo». As suas inflexões, os seus passos, a certeza dos seus gestos firmes e eloquentes, são bem o reflexo da sua alma, tal qual o autor a imaginou, como o dramaturgo a sonhou. Muito bem Irene Lopes Herédia, marcando com esplêndida arte o seu papel. Espantaleon, belo artista de sempre. Cenário vistoso e agradável de tonalidade.

Nogueira de BRITO

Reclames

Attingiu as proporções dum verdadeiro acontecimento artístico a representação da tragédia de Shakespeare «Otelo», realizada no Apolo. Rafael Marques, na parte de protagonista tem uma criação das mais completas da sua galeria artística. E a completar o conjunto há, ainda, a mencionar Irene Gomes «Desdemona», Palmira Torres «Emília», Abílio Alves «Yago», Octávio Bramão «Cássio», e João Calazans «Rodrigo».

«Otelo» repete-se hoje, no Apolo, continuando a vigorar a tabela reduzida de preços, sendo os bilhetes vendidos sem localção.

— O 1.º núcleo da nova companhia que, na terça-feira, vai iniciar a época de verão no Ginásio, com a farça «O célebre Pina», compõe-se, quase na totalidade, dos mesmos artistas que há cinco anos interpretaram a referida peça, tendo sido, agora, de novo contratados. Para a época de verão no Ginásio, vigora uma tabela de preços reduzidos, estando aberta, no camaroteiro, a marcação de lugares para as primeiras representações de «O célebre Pina».

— Hoje, no Ginásio, a antepenúltima representação da peça «O Rosário», que se despede, inadiavelmente, na segunda-feira, visto a actual companhia partir para o norte, no dia seguinte.

— Constituiu um enorme sucesso a estreia da bailarina de 11 anos, Carmencita Guerra, que ontem se estreou no Foz.

— Hoje é a penúltima exibição do notável artista musical Selvaggio, continuando em pleno êxito, em «matinée» e «soirées», Tim de Jarque, Maria Corte-Real, Guilherme Cauppers, os Hermanos Tondel — os reis da «Jota» — Line Desroses, o «The Foz Helody Band».

Na segunda-feira, estreia-se a formidável artista Caro Cambell, a célebre bailarina adormecida, que, no estado de hipnose, interpreta as melhores obras de Scarlati, Lully, Rameau, Mozart, Beethoven, Chopin, Schubert, etc.

A crise no Algarve
As comissões que se encontram em Lisboa ainda não foram recebidas pelo governo

Os acontecimentos revolucionários criaram as comissões delegadas das classes trabalhadoras do Algarve bastantes dificuldades. Ontem, dia em que deveria ser entregue a representação ao governo, não se realizaram trabalhos profícuos porque não foram encontradas as entidades competentes.

Hoje vão as comissões tentar entregar ao sr. António Maria da Silva a referida representação. Se não o conseguirem voltarão tantas vezes quantas sejam precisas para serem atendidas as reclamações de 60.000 algarvios.

Da comissão delegada das classes trabalhadoras do Algarve, que junto dos poderes constituídos está tratando da crise de trabalho, recebemos a seguinte nota:

«Na parte respeitante às necessidades de carácter local, por lapso deixámos de salientar na representação ontem publicada em *A Batalha* alguns melhoramentos importantes que se fazem sentir na vila de Olhão, os quais são os seguintes:

Além da criação de uma escola comercial e industrial, a construção de edifícios destinados a repartições públicas, em especial os edifícios destinados à alfândega cuja construção de há muito está prometida, assim como a conclusão das obras do cais».

TEATRO DO GIMNÁSIO
HOJE — HOJE
a encantadora comédia
O ROSÁRIO
Protagonista: Palmira Bastos
No principal papel masculino:
Tarquínio Vieira

1 DE JUNHO — Inauguração da época de verão (grande redução de preços) com a espirotoosa farça
O CÉLEBRE PINA
Protagonista: Palmira Bastos
No principal papel masculino:
Tarquínio Vieira

TEATRO APOLO
Emp. Ruas — Telef. N. 1939
HOJE
A emocionante tragédia de Shakespeare
OTELLO
Protagonista:
Rafael Marques

TIVOLI
Telefone N. 5474
As 21 horas
PENÚLTIMA EXIBIÇÃO
O FANTASMA
— DO —
MOULIN ROUGE
História fantástica em oito partes
PARIS EM CINCO DIAS
Comédia em seis partes com o célebre artista
NICOLAS RIMSKY
UMA PANORÂMICA
Uma comédia de desenhos animados
Amanhã: MATINÉE ÀS 3 HORAS

TEATRO APOLO
Emp. Ruas — Telef. N. 1939
HOJE
A emocionante tragédia de Shakespeare
OTELLO
Protagonista:
Rafael Marques

TIVOLI
Telefone N. 5474
As 21 horas
PENÚLTIMA EXIBIÇÃO
O FANTASMA
— DO —
MOULIN ROUGE
História fantástica em oito partes
PARIS EM CINCO DIAS
Comédia em seis partes com o célebre artista
NICOLAS RIMSKY
UMA PANORÂMICA
Uma comédia de desenhos animados
Amanhã: MATINÉE ÀS 3 HORAS

TEATRO APOLO
Emp. Ruas — Telef. N. 1939
HOJE
A emocionante tragédia de Shakespeare
OTELLO
Protagonista:
Rafael Marques

TIVOLI
Telefone N. 5474
As 21 horas
PENÚLTIMA EXIBIÇÃO
O FANTASMA
— DO —
MOULIN ROUGE
História fantástica em oito partes
PARIS EM CINCO DIAS
Comédia em seis partes com o célebre artista
NICOLAS RIMSKY
UMA PANORÂMICA
Uma comédia de desenhos animados
Amanhã: MATINÉE ÀS 3 HORAS

TEATRO APOLO
Emp. Ruas — Telef. N. 1939
HOJE
A emocionante tragédia de Shakespeare
OTELLO
Protagonista:
Rafael Marques

TIVOLI
Telefone N. 5474
As 21 horas
PENÚLTIMA EXIBIÇÃO
O FANTASMA
— DO —
MOULIN ROUGE
História fantástica em oito partes
PARIS EM CINCO DIAS
Comédia em seis partes com o célebre artista
NICOLAS RIMSKY
UMA PANORÂMICA
Uma comédia de desenhos animados
Amanhã: MATINÉE ÀS 3 HORAS

TEATRO APOLO
Emp. Ruas — Telef. N. 1939
HOJE
A emocionante tragédia de Shakespeare
OTELLO
Protagonista:
Rafael Marques

TIVOLI
Telefone N. 5474
As 21 horas
PENÚLTIMA EXIBIÇÃO
O FANTASMA
— DO —
MOULIN ROUGE
História fantástica em oito partes
PARIS EM CINCO DIAS
Comédia em seis partes com o célebre artista
NICOLAS RIMSKY
UMA PANORÂMICA
Uma comédia de desenhos animados
Amanhã: MATINÉE ÀS 3 HORAS

TEATROS, MÚSICA E CINEMAS

TEATROS, MÚSICA E CINEMAS

TEATROS, MÚSICA E CINEMAS

TEATROS, MÚSICA E CINEMAS

TEATROS, MÚSICA E CINEMAS

TEATROS, MÚSICA E CINEMAS

TEATROS, MÚSICA E CINEMAS

TEATROS, MÚSICA E CINEMAS

TEATROS, MÚSICA E CINEMAS

TEATROS, MÚSICA E CINEMAS

TEATROS, MÚSICA E CINEMAS

TEATROS, MÚSICA E CINEMAS

TEATROS, MÚSICA E CINEMAS

TEATROS, MÚSICA E CINEMAS

TEATROS, MÚSICA E CINEMAS

TEATROS, MÚSICA E CINEMAS

TEATROS, MÚSICA E CINEMAS

TEATROS, MÚSICA E CINEMAS

TEATROS, MÚSICA E CINEMAS

TEATROS, MÚSICA E CINEMAS

TEATROS, MÚSICA E CINEMAS

TEATROS, MÚSICA E CINEMAS

TEATROS, MÚSICA E CINEMAS

A OBRA DUM ALTO COMISSARIO

Azevedo Coutinho, depois de chamado a Lisboa, publicou um "ukase" pior do que a lei de 13 de Fevereiro

Lourenço Marques, Maio.—Com o assassinato do comissário de polícia, coincidiu a chamada do Alto Comissário a Lisboa. Duas tremendas bombas que estouraram ao mesmo tempo.

A camarália do «Nero» fremeu duplamente. «A cada um e a todos», como diria Severino Patilhas do Interior, chegou uma enorme dose de medo, não aparecesse uma carabina que os liquidasse.

Na cidade já se não podia falar nem escrever. A partir de tais acontecimentos o regime do terror triplicou de violência; no Boletim Oficial acabou por aparecer uma portaria que, além de ser uma monstruosidade sem nome, — é a síntese mais perfeita do despotismo, da ferocidade, do espionagem das garantias constitucionais.

Essa portaria, a que mais acertadamente se pode chamar *portaria*, tem o n.º 293 e a data de 17 de Abril.

Desse famigerado *ukase* transcrevem-se, para edificação das gentes, estes 3 artigos: «Artigo 1.º O Alto Comissário, ouvido o Conselho Executivo, poderá ordenar a expulsão de qualquer nacional, sempre que da sua presença possam resultar alterações de ordem pública ou outros graves inconvenientes, quer de ordem pública interna quer de ordem internacional.

Art. 2.º A expulsão em caso algum poderá ser por tempo inferior a 1 ano e superior a 3 anos, e será imposta para outro lugar da colónia se bastar, ou, sendo necessário, para outra parte do território nacional.

Art. 3.º Sempre que o *expulso*, durante o tempo da expulsão, não respeitar a ordem que a determinou, regressando à colónia ou ao lugar onde foi *expulso*, o será novamente, por tempo não inferior a 1 ano e superior a 3 anos.

Não é preciso acrescentar mais. A *Carta Orgânica* de Moçambique só permite a expulsão de estrangeiros. Verdade seja que Azevedo Coutinho, desrespeitando a *Carta* de Dezembro de 1925 a Abril de 1926, expulsou, arbitrariamente, cidadãos portugueses; agora, porém, pretende substituir o poder judicial e a sua arbitrariedade pessoal por uma espécie de *conclave* de *rodilhas*; ao abrigo da *portaria* n.º 293, inconstitucional e terrorista, quer substituir o julgamento judicial, ordinário e legal, pela sentença proferida em *conclave* secreto, baseada numa lei de excepção, ilegal e monstruosa; mil vezes mais vil e mais torva do que a lei de 13 de Fevereiro, sobretudo por ter sido publicada a 15 dias da implantação deste regime democrático e liberal que mais parece de opereta do que de *verdade*.

Mas o que Azevedo Coutinho pretende é segurar-se. Segurar-se e pôr a pele no seguro, não lhe furem como fizeram ao capitão H. de Sousa; e, para conseguir o último objectivo, visto que o primeiro já não pode alcançá-lo, — redobra o terror, ameaça, amedronta, besunta a sua carcaça raquítica com o zarcão da força...

Quantos trabalhadores presos? A espada da expulsão, pendente sobre as cabeças mais altas, mais independentes, mais austeras. A liberdade de imprensa afundou-se no despotismo de Azevedo Coutinho, no scintilar dos cambiais do *saco* sem fundo do prémio das transferências e na sedutora oferta de lugares à mesa do orçamento; as liberdades individuais deixaram de existir desde que o Alto Comissário enveredou pelo tortuoso processo de mandar prender às dezenas, às centenas, sem culpa formada, sem razão nem direito; agora, publicada a *portaria* n.º 293, que resta aos homens de carácter de Moçambique?

Diga-o o governo central...

O governo central chamou Azevedo Coutinho. Pelas notas oficiais publicadas nos jornais de Lisboa, sabe-se que o Alto Comissário foi empurrado do seu pedestal; pois ele, faltando à verdade, como sempre, tem-se farto de remeter notas oficiais aos jornais vendidos de Lourenço Marques, a frizar e a repetir que marcha para Lisboa porque assim o quer e assim o pediu «para conferenciar com o Ministério sobre assuntos de interesse inadiável para a Província que excedem a sua competência»...

Carnavalesco! Azevedo Coutinho vai partir. Azevedo Coutinho não volta, embora a sua fome insaciável lhe faça estremeções diabólicas na barriga por não ter arredondado bem a conta.

Não volta... não porque em política haja vergonha, mas porque Moçambique, espezinhada e agonizante, se o tolerou

como «Nero», não o aceitaria mais, fossem quais fossem os perigos que se houvessem de correr.

Mas Azevedo Coutinho não partirá sem queimar os últimos cartuchos a ver se fica. Chamado a Lisboa nos últimos dias de Março, em curso tem pôdo todas as suas habilidades de comediante exímio, para não partir.

A população da província, em massa, abomina-o, repele-o, odeia-o, por que não sai da retina dos homens sensatos e de bem, toda a tragédia desenrolada durante o seu consulado monstruoso, disforme, nefasto, aviltante, sanguinário, muito embora uma imprensa infame, por ele paga mas que a opinião repele com absoluto nulo, tente fazer, em sua volta um ambiente favorável.

Tudo baldado. Os vendidos dessa imprensa abjecta cruzam as ruas sob o mais significativo despreso. Os testas de ferro desses vasculadores de podridões e falsidades, assombram pela infâmia a que se associam e pela desvergonha que impudicamente patentenciam.

Azevedo Coutinho quer continuar a comer; e os salafários que lhe fazem corte, enterrando as mãos nos cofres exaustos até aos ombros, pincham como os tigres esfaimados, formando barricada em volta do dono, não dá fugir-lhes a gafeia.

E a desgraçada província de Moçambique, em ruínas, em escombros, a resvalar para o abismo, com o prémio das transferências a 90 %, com o comércio no mais completo estado de falência, com as indústrias paralisadas, com a agricultura na maior desolação, com o pequeno funcionalismo na miséria, com o operariado perseguido como leras e nas prisões, com a imprensa digna suspensa e amordaçada, os homens livres, independentes, não vendáveis, sujeitos à delaçãoção dos esbirros, ao enxovalho, à expulsão autorizada pela *portaria* n.º 293...

Que diz a isto o governo central? Limita-se a chamar e a demitir Azevedo Coutinho?

E' pouco. O «Nero de Moçambique» tem de ser chamado à responsabilidade das suas inicitas façanhas. As populações da Colónia exigem que se faça um inquérito rigoroso e imparcial, para se apurarem, em toda a sua extensão, os efeitos ruinosos da acção política e administrativa de Azevedo Coutinho e dos crimes dos sicários que o auxiliaram no seu tenebroso consulado de sangue e lama.

Horário de trabalho

As disposições legais

A secção editorial de *A Batalha* acaba de editar, em folheto, o decreto 5516, de 7 de Maio de 1919 e respectivo regulamento publicado no *Diário do Governo* de 20 de Maio sobre o horário de trabalho, sendo o seu preço avulso de 500, e aos sindicatos que desejem adquirir quantidade far-se-á um abatimento de 50 p. cento em pacotes de 50 folhetos.

Pedidos à administração de *A BATALHA*



Do estatuto confederal

Artigo 1.º — A Confederação Geral do Trabalho constitui-se com os seguintes objectivos: 1.º — O agrupamento, sob a base federativa autónoma, de todos os trabalhadores assalariados no país, para a defesa dos seus interesses económicos, sociais e profissionais, pela elevação constante da sua condição moral, material e física;

2.º — Desenvolver, fora de toda a escola política ou doutrina religiosa, a capacidade do operariado organizado para a luta pelo desaparecimento do salariado e do patronato, e posse de todos os meios de produção;

3.º — Lutar, nas mais estreitas relações de solidariedade com as Centrais dos outros países, para a acção mútua, numa comum inteligência, que conduza os trabalhadores de todo o mundo à sua emancipação integral da tutela opressiva e exploradora do capitalismo.

MARCO POSTAL

Rossio de Abrantes — Manuel dos Santos. — Recebemos 19.000. Assinatura paga até ao fim do corrente.

Em Cascais realizou-se uma sessão de propaganda esquerdista

CASCAIS, 27.—Promovida pelas Juntas de Freguesia e Comissões Políticas da Esquerda Democrática, realizou-se hoje no Centro Republicano desta vila, uma sessão de propaganda e combate ao actual governo. Presidiu e secretariaram os srs. João Maria Bravo, Alberto da Silva Rosinha e Mário dos Reis Maurício.

E' convidado pelo sr. Vitor Bazalza o correspondente da *Batalha* a sentar-se ao lado da mesa, deferência que este lhe agradeceu.

Aberta a sessão, fala em primeiro lugar o coronel Tavares de Carvalho, que depois de condenar a obra nefasta dos maus políticos, diz que podem sempre contar com ele, a favor dos oprimidos, que é a grande maioria.

Segue-se-lhe o major Cortez dos Santos que diz: «O povo, em 5 de Outubro, implantando a sua República, mostrou o grande amor pela Liberdade, e assim, apesar da ingratitude com que tem sido tratado, ainda hoje está animado da mesma fé, e não se recusa a empunhar armas, para derubar a demagogia que nos sufoca.

Faz um ataque cerrado aos homens que pensam em instaurar em Portugal a ditadura. Ele, como militar, repudia-a. E' pela Liberdade.

Entra neste momento na sala o dr. José Domingues dos Santos, que é alvo de uma ovacão, sendo descerado o seu retrato.

Vai falar Eduardo de Sousa, director da *Cholera*. «Nós, que militamos na Esquerda Democrática, e que somos quasi todos bastante novos, que trabalhamos nesta cruzada por uma sociedade melhor, pelo aumento dos nobres ideais de emancipação, não devemos abandonar o operariado, nas lutas contra os inimigos do Progresso. Diz que há um homem que, depois de no tempo da Monarquia exercer o lugar de administrador na vila do Redondo, mais tarde ingressou nas fileiras republicanas, onde tem vilipendiado todos. Cometeu um crime monstruoso, e que é a maior vergonha do regime, são as deportações dos operários.

Alguns lá morreram. Urge que não deixemos morrer os restantes. Se tal fizéssemos, acompanhar-nos-ia enquanto vivéssemos, o espectro desses desgraçados que para lá foram enviados, porque se revoltaram contra tanta infâmia. O homem a que anteriormente se referiu e que tantas responsabilidades tem neste crime é o ministro político António Maria da Silva. E' necessário pegarmos em armas, para correr do poder essa horda de criminosos que deveriam dar entrada numa penitenciária para pagarem o mal que têm feito. Termina, soltando um viva aos trabalhadores.

Vai falar agora o ex-sindicalista, o ex-comunista e, actualmente, grande esquerdista Carlos de Araújo, que dá a entender à assistência que representa ali os trabalhadores. Mostra-se muito penalizado pela obra do governo. Relatou-se de censura para com António Maria da Silva. Representou tão bem, e falou tanto nos trabalhadores, que a assistência soltou vários vivas ao operariado, calculando que fosse este quem lá o tinha enviado. Não conheciam o figurão. Se o conhecessem, te-lo-hiam desmascarado.

E' dada agora a palavra ao dr. Pestana Júnior: «Não sabe se a estas horas, já em Lisboa os verdadeiros amigos da Liberdade estão de armas na mão para fazer a verdadeira República. A situação a que chegou o país, é de tal modo tremenda que urge que se lhe ponha termo. Não funciona o Parlamento, porque as oposições não deixam que se vejam documentos que podem comprometer a situação do país. Diz que não formaria sob as ordens de qualquer sargento ou tenente, mas não tem dúvida em se juntar ao povo, para fazer uma revolução que afaste duma vez para sempre a ideia da Ditadura e que de mais bem estar aos que tudo produzem.

Segue-se Carlos de Vasconcelos: «Ainda há bem poucos dias, o presidente do ministério mandou para as galerias do Parlamento uma porção de polícias para amedrontarem, e assim fazer prevalecer a sua vontade. E' necessário correr com o governo, que só tem servido para se governar a si próprio. Diz que o presidente da República declarou que só demite o governo, quando constatar que é essa a vontade do Povo. Mas como pode o presidente da República fazer tal declaração? Então não se ouve a voz do Povo do norte ao sul, condenar a obra desse político repente? Ah! Querem ouvir a voz do canhão? Pois bem. Não de ouvi-la. Referindo-se aos tabacos, diz: A *região* deve ser qualquer coisa semelhante aos Transportes Marítimos.

O dr. José Domingues dos Santos: «Estamos há 15 anos em república, e no entanto não temos nem pão, nem instrução. A luta que se vem travando através de séculos é pela Liberdade.

«Eu sou contra os ditadores. Ditadores, que nem sequer têm a coragem de se mostrar tal qual são. Prefiro ser expulso do Parlamento, a calar-me. Refere-se com indignação às deportações dos operários, declarando que está a seu lado. Lembra os espantamentos de que têm sido vítimas os operários, por parte dos chamados mantenedores da ordem pública, e diz que é preciso acabar com tais monstruosidades, pois mais uma vez declara que a guarda e a polícia não são para assassinar o Povo. E' preciso ir para a Revolução. Pois bem. Povo de Cascais, contemos convosco.

A sessão foi encerrada aos vivas à Revolução, trabalhadores e a *Batalha*.

Foi enviado um telegrama ao presidente da República, protestando contra a ditadura do governo, lembrando-lhe a letra da Constituição.

Espanhol sem mestre

Por Gonçalves Pereira. Compra-se um exemplar desta obra. Quem tiver e queira vender, indique preço e a direcção para esta administração, às iniciais R. C.

Assinar «Os Mistérios do Povo»

AGENDA

CALENDARIO DE MAIO

	1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	11	12	13	14	15	16	17	18	19	20	21	22	23	24	25	26	27	28	29	30	31
Q.																															
S.																															
S.																															
D.																															
D.																															

MARES DE HOJE	
Fraamar às 3,50 e às 4,20	
Baixamar às 9,29 e às 9,50	

CAMBIO

Países	Compra	Venda
Sobre Londres, cheque		9375
Madrid, cheque		2599
Paris, cheque		363,5
Suiza, cheque		378,5
Bruxelas, cheque		363
New-York, cheque		19455
Amsterdão, cheque		7386
Itália, cheque		374,5
Brasil, cheque		2595
Praga, cheque		558
Suécia, cheque		5524
Austria, cheque		2877
Berlim, cheque		766

ESPECTACULOS

TEATROS
Nacional.—As 21.—«Pápio» e «no rapaz».
São Luís.—As 21,30.—«A Princesa dos Dollars».
Fimélio.—As 21,30.—«O Rosário».
Politeama.—As 21.—Variedades.
Teatro.—As 21,45.—«O Gal».
Trindade.—As 21,15.—«Wu-Li-Chanch».
Eter.—As 20,45 e 22,45.—«Fox-Trot».
Coliseu dos Recreios.—As 21.—Luta.
Ereúdo.—As 21,15.—«O Pão de Ló».
Mirla Vitoria.—As 20,50 e 22,50.—«Foot-Ball».
Café 305.—As 21.—Variedades.
Joquinha de Almeida.—As 21.—Variedades.
Cinema El Víctimo (à Graça).—Espectáculos às 3, 5, 7, 9, 11, 13, 15, 17, 19, 21, 23, 25, 27, 29, 31, sábados e domingos com ematines.
Teatro Parais.—Todas as noites, Concertos e diversões.

CINEMAS

Tivoli.—Olimpia.—Central.—Condes.—Chiado Terreno.—Ideal.—Arco Bandeira.—Promotora.—Esperança.—Tortoise.—Cine Paris.

História Universal del Proletariado

«Veinte siglos de opresion capitalista»
Esta publicação em lingua espanhola que se encontra à venda na nossa administração, é o relato histórico, documentadissimo e detalhado das lutas originadas pela desigualdade social que, sob formas diversas e variados sistemas, perdura desde os primeiros alhores da civilização.

Cada fascículo de 48 páginas, 1800; pelo correio, registado, 1850.

Estão publicados os seguintes fascículos:

- 1.º.—La era de la esclavitud;
- 2.º.—La rebelión de Espartaco;
- 3.º.—Abolición de la esclavitud;
- 4.º.—Abyección y Servidumbre;
- 5.º.—La revolución de los siervos;
- 6.º.—La miseria de los agricultores;
- 7.º.—Transformación del Poder Feudal;
- 8.º.—El comunismo cristiano;
- 9.º.—Lomias seriales en la Edad Média.

Edições de «A Sementeira»

- Práticas neo-malistas..... 550
- O sentido em que somos anarquistas..... 530
- A peste religiosa..... 440
- A Liberdade..... 550
- A Internacional (música e letra)..... 330

Pedidos à A BATALHA ou ao Cais do Sodré, 83

O Sindicalismo Revolucionário e a Organização Operária

Por Rodolfo Rocker. Fôgoso escritor e um dos maiores oradores da Alemanha, membro da A. I. T. Folheto com 32 páginas, com um esboço biográfico do autor. Preço 1500.

Pedidos à administração de *A Batalha*.

A revolução Social e o Sindicalismo

Por Arkinkof. Preço 1550.

A VENDA a 10.ª SÉRIE DE OS MISTÉRIOS DO POVO

Interessante romance histórico profusamente ilustrado desde as primeiras idades do homem até à revolução Francesa.

Assinatura: pelo correio cada série de 10 tomos com cerca de 320 páginas 6500. A obra mais barata que no género se publica.

Edições SPARTACUS

Acabam de aparecer: A Teoria Libertária ou o Anarquismo, por Campos Lima, 3500. Entre Vinhedos e Pomares (novela), por Máximo Domingues, 6500. A venda nas livrarias e na administração de *A Batalha*.

Depósito: «Livraria Renascença Portuguesa», rua dos Poais de S. Bento, n.º 27—Lisboa.

Suplemento semanal ilustrado de «A Batalha»

Encontra-se já à venda o primeiro ano deste interessante semanário, devidamente encadernado, numa óptima capa em percalina ilustrada a cores, por Alonzo, contendo um indispensável índice dos variadíssimos assuntos de ordem doutrinária, literária e artística.

O seu preço é: 1 volume com 420 páginas, 45500. Encadernação (por capas e índice), 20500.

Capas e índice em separado, 15500. Pedidos de colecções, ou envio destas para encadernação, à administração de *A Batalha*.

LA NOVELA SOCIAL

LA REDENCION DE PIERROT
E' o título do n.º 8 da interessante colecção de novelas que se publicam em lingua espanhola sob o título genérico de *Novela Social*, encontrando-se à venda na nossa administração ao preço de 500. Pelo correio 700.

LA NOVELA IDEAL

Acaba de chegar o n.º 3 desta revista intitulada *Pigmation*, de Federica Montseny. — Preço, 550. — Pedidos à administração de *A Batalha*.

Companhia Nacional de Navegação

Vapor IBO

Para Peniche, Porto (Douro) e Leixões. Saíra no dia 1 de Junho o vapor IBO, recebendo carga e passageiros.

Para carga, passageiros e quaisquer esca-recimentos, dirigir-se aos escritórios: Em Lisboa, rua do Comércio, 85; No Porto: rua da Nova Alfandega, 34.

Paquete ANGOLA

Saíra no dia 1 de Junho para Madeira, São Tomé, Loanda, Lobito, Mossamedes, Cabo (Cape Town), Lourenço Marques, Beira e Moçambique; e para Inhambane, Chinde, Quelimane, Pebane, Angoche, Porto Amelia e Ibo com trasbordo.

CONSELHO TECNICO DA CONSTRUÇÃO CIVIL

Encarrega-se da execução de todos os trabalhos que digam respeito à sua indústria, tais como: edificações, reparações, limpeza, construção de fornos em todos os géneros, fogões de sala, zandras, frentes para estabelecimentos e todos os trabalhos em cantarias e mármore de todas as proveniências.

Telefone — 539 Trindade

Escritório: Calçada do Cambro, 38-B, 2.º

DR. ARMANDO NARCISO

Médico do Hospital de Santa Maria
CLÍNICA MÉDICA
Consultório: Travessa Nova de S. Domingos, 14 (Rua do Amparo)
Residência: Rua Nogueira e Sousa, 17 (ao Luciano Cordeiro)

CONSULTAS MEDICAS PARA AS CLASSES POBRES

Todos os dias, às 7 horas da tarde
FARMÁCIA SIMÕES
Rua Infante D. Henrique, 54 (a São Tomé)

BOTAS CALÇADO A PREÇO DE REVENDA

SECÇÃO DE CHAPELARIA

Tudo barato

- Sapatos para senhora desde..... 4500
- Botas para homem em vitela preta desde..... 50500
- Botas para homem forma da moda cor ou preta..... 75000
- Sapatos verniz senhora..... 60000
- Sapatos crepe celia última moda..... 5
- Botas crepe celia última moda..... 5

Grande quantidade e variedade de calçado de crianças.
Grande stock de sandálias.
Dá-se um brinde, a quem comprar nesta casa e apresente este anúncio.
Ver os preços de sensação nas nossas montas.

SAPATARIA BRASIL

206, Rua da Madalena, 212

ESPELHOS

Aos melhores preços
Aven. Almirante Reis, 24-A
TELEF. N. 4060

MELINA

É O MELHOR MATA FORMIGAS

A' venda em toda a parte
DEPÓSITO GERAL:
Fernandes Almeida & C.ª, Limit.
Rua do Largo do Corpo Santo, 10, 1.º—Lisboa
Telefone C. 2422

Agentes no Funchal
ELMANO S. GOMES
R. do Coronel Cunha, n.º 53

PEDRAS «METAL AUBR»

PARA ISQUEIROS
VENDEM-SE NO LATA, DO LARGO DO CONDE BARÃO, 55
Duzia \$40; 100, 2580; mil, 25500
Pedra grande, duzia, \$80

Pregão de revolta

Carta-protesto, em verso, dirigida ao presidente do ministério contra as deportações.
Preço 1500; pelo correio, 1520; registado, 1550. Pedidos à administração de *A Batalha*.

Terra Livre

Um camarada dedicado acaba de nos oferecer uma colecção do semanário anarquista «Terra Livre» para ser vendida em favor de *A Batalha*. Aquele camarada fixou o preço de 1500.

Alguns camaradas que desejem adquirir este interessante semanário pode dirigir-se a nossa administração.

«Educação Social»

Revista de pedagogia e sociologia
Dirigida pelo prof. dr. ADOLFO LIMA
Publicação mensal

Redacção e administração—Empresa Literária Fluminense, Limit.—R. dos Retreiros, 125—LISBOA.

A' venda na administração de «A Batalha».

Policlínica da Rua do Ouro

Entrada: RUA DO CARMO, 98
TELEFONE N. 5353



NO IMPÉRIO ANGOLANO

Norton de Matos perdoou "generosamente" ao alto funcionário que lhe quis roubar a vida

Quando o dr. Cordeiro Blanco decidiu por termo à existência de Norton de Matos, nos dois primeiros dias discutiu-se o atentado, volvidos eles, quem o discutia, quem falava em tal assunto, num facto tão importante?

Só a ocultas, com precaução; só entre criaturas de confiança e ainda assim, fazendo entre si alusões nas quais se demonstrava claramente o receio.

O atentado não chegou a alcançar o seu fim, mas tornou-se importante pela morte do «chauffeur», que expôs, às balas da pistola do assassino, seu corpo para salvar a vida do militar, que a-pesar-de ter enriquecido à custa da miséria pública não tirou do bolso um centavo para dar à mãe da vítima!

Que medidas convinha adoptar em face do crime?

Chamar os leais, dizer-lhes que não discutissem nem permitissem aos subordinados a discussão do atentado, notificando-lhes que lhes dessem a entender que algumas entidades oficiais, militares e civis, não permitiam que tal assunto fosse discutido. Andavam pelas ruas escutando e aqueles que fossem ouvidos a fazer apreciações sobre o caso, estavam sujeitos a ser presos.

Era o que convinha espalhar. A vítima caiu por terra, ficou morta; dali foi para o hospital. O médico também disse, certificado que era um cadáver que dava entrada no necrotério; verificou o óbito, assinou o certificado e o cadáver do operário lá foi para o Moutinho, que é o administrador dos mortos.

O criminoso foi agarrado, desarmado e remetido ao hospital pré-diagnosticado de doído.

Agora tornava-se necessário que Norton aparecesse em scena, com toda a serenidade, demonstrando claramente a nenhuma importância que ligava aos ataques, aos atentados contra ele. Armou em filósofo, lamentando a perda duma vida e a falta das faculdades mentais do criminoso, de quem se conduziu, não permitindo que o malasse, que o espantasse.

Norton, «coração aberto ao sofrimento alheio», vendo nas anomalias sociais manifestações, efeitos perniciosos da sociedade — causa perniciosa, que lhe condena, vindo no crime uma doença psíquico-mental, não podia deixar de ver que uma vida se perdia ante e em consequência do desaparecimento da razão, da noção das coisas...

Em necessário tornar público que o agente do crime era um doente daquela categoria, diagnóstico fornecido por ele próprio nas manifestações sintomatológicas de cobardia e fraqueza de espírito ao ser agarrado. Por tanto, requeria, pelo seu estado, toda a desculpa, devendo a pena a aplicar-lhe consistir em interná-lo no hospital.

Norton declarou nula, em grande parte, a missão dos tribunais — esses tabulados da ignominia que condenam o inocente e liberam o bandido, forças infames que condenam à virtude e sublimam o Crime!

Norton «estava de acordo» com Lombroso, Morisson, Ribot, Mantegazza, Tolstoi e tantos outros que dizem a Sociedade: — Tu vives do Crime! Promoves a causa e exploras o efeito!

E ninguém falava no atentado. O acto criminoso não se consumou em Loanda. Nas tipografias, nos jornais, não havia tipógrafos nem tipo. A vítima fora apenas um indivíduo que mudou de residência, emigrou, não morreu, não fora morto a tiro!

E o doutor Cordeiro Blanco, após uma curta permanência na Hospedaria Central de Loanda, já restabelecido, segundo as conclusões dos cientistas, aparece ali no Rocio, de pasta debaixo do braço! E não há meio de lhe dar na cabeça para se transformar em pasta coraça ao passar o eléctrico...

Com o oficial que leu a Norton de Matos o léxico de epítetos «honrosos» e profundos os «sobriquetos» do estadista lhe ofereceu dois tiros na cabeça, o mesmo sucedeu. Dir-se-ia que uma das características consequentes da manifestação de tais casos era a afonia.

Até os pretos tentaram contra a vida do rapaz de Angola.

Não será verdade? Não terá sido um facto?

Norton podia esperar outra coisa? Pobres pretos! A vossa ignorância reduz-vos à escravidão, à miséria e entrega-vos à morte!...

Correia de SOUSA

No Teatro Gil Vicente, do Palácio de Cristal, vai realizar-se uma festa de elevados intuitos educativos

Realiza-se hoje, sábado no Teatro Gil Vicente, sito no Palácio Cristal do Porto, um grande espectáculo cujo produto se destina a auxiliar a Escola e Biblioteca de Estudos Sociais (a Boa-Vista).

Subirá à scena o drama em 4 actos e 7 quadros «Amor de Perdição», extraído da célebre novela do mesmo nome de Camilo Castelo Branco.

Atendendo ao alto valor literário e dramático da peça e ainda ao objectivo altruístico da festa, é de esperar que os trabalhadores accorram em grande número, no próximo sábado, ao teatro Gil Vicente.

A peça que será desempenhada pelo grupo dramático da Escola e Biblioteca de Estudos Sociais, a Boa-Vista, tem a seguinte distribuição:

«Simão Botelho», Frutuoso Gaspar; «Baltazar Coutinho», José Silva; «Tadeu de Albuquerque», José Faria; «João Ferrador», Domingos Dantas; «Meirinho Geral», José Vieira; «Capitão da Nau», José Vieira Júnior; «Tomé» (cunhado do ferrador), Manuel A. Nogueira; «José» (criado), António Machado; «Augusto» (criado), Emílio A. da Cunha; «Padre», António Pereira; «Tezeta de Albuquerque», D. Margarida Queiroz; «Mariana» (filha do ferrador), D. Otilia Malta; «Prioresa», D. Maria Luisa.

Lede o Suplemento de «A Batalha»

HORARIO DE TRABALHO

A assembleia do Sindicato dos Empregados no Comércio e Indústria

Realizou-se a assembleia geral extraordinária deste sindicato, à qual presidiu Manuel Maria de Sousa, secretário Adriano Botelho e Francisco Silva. O presidente agradece a honra que lhe confiaram e em nome da União dos Empregados no Comércio do Porto saudou o Sindicato dos Empregados no Comércio e Indústria e em nome também do jornal «Luz e Vida» do Porto oferece as colunas do mesmo jornal para defender os pontos de vista deste Sindicato, o qual a assembleia recebe com grandes manifestações de aplauso. Manuel de Sousa defende a criação de uma caixa de solidariedade.

Adelino Tavares de Sousa apresenta uma proposta para que essa caixa seja criada.

Manuel de Figueiredo requer para que baixe para estudo à comissão de melhoramentos a referida proposta.

António Rodrigues Pereira trata da desumanidade que se pratica em carregar homens com fardos pesadíssimos. António Alves e Miguel José Alves referem-se também a este assunto. E' aprovada uma salvação à União dos Empregados no Comércio do Porto, jornal «Luz e Vida», a toda a classe do país e à organização operária. Esta salvação é acolhida com grande entusiasmo sendo aprovada por aclamação.

Entra-se em seguida no primeiro número da ordem de trabalhos: apreciar os trabalhos encetados para a defesa e conquista das regalias da classe. Jorge Campelo em nome da comissão de melhoramentos relata largamente os trabalhos da referida comissão, e expõe os planos que a mesma tem em vista para o engrandecimento da organização da classe. Mário Pinto em nome da comissão administrativa regosija-se com a acção da comissão de melhoramentos, a qual salda.

Manuel de Figueiredo refere-se ao esforço titânico da comissão de melhoramentos, alude ao facto de outros organismos estarem hoje a querer colher os louros da nossa propaganda, mas a classe conhece-nos bem e sabe que somos nós que temos feito esta grande agitação e que estamos dispostos a levar até ao fim esta campanha. E' em seguida aprovada uma moção dando todo o apoio à comissão de melhoramentos e uma salvação a todas as entidades que se têm manifestado de acordo com a abolição das carroças de mão. Entra-se em seguida no segundo número da ordem: nomeação dos fiscais para o horário de trabalho, tendo-se nomeado cinco brigadas. O 3.º número da ordem de trabalhos foi cumprido, nomeando-se mais alguns elementos para a comissão de melhoramentos.

Semana da Criança

EVORA, 28.—Terminaram no domingo transacto as festas da Semana da Criança que decorreram, nesta cidade, com bastante brilho. Tomaram parte nelas, confraternizando com a alegria e a sinceridade própria dos seus verdes anos, as crianças das escolas oficiais.

Houve um passeio ao Jardim Público, e deu-se um lanche a todas as crianças que nele tomaram parte.

Realizou-se também uma excursão de crianças a Extremoz, merecendo salientar-se o gesto do Sul e Sueste que cedeu gratuitamente um comboio que para esse fim lhe fora solicitado pelos professores.

As torpezas do director da Fábrica de Fiação e Tecidos de Torres Novas

TORRES NOVAS, 27.—E' revoltante o despotismo exercido por um tal Domingos Gonçalves Dias, director da Companhia de Fiação e Tecidos, sobre todos os operários. Este cavalheiro estabelece um verdadeiro terror na fábrica da Companhia, chegando a agredir e a vexar e perseguindo os que se queixam. E' pena que a falta de carácter de alguns operários favoreça a baixa tirania deste Domingos Dias, constituindo um bando de delatores.

Há alguns meses que o pessoal da fábrica vem trabalhando quatro dias por semana, não se sabendo de quem partiu tal iniciativa. Este regime agrava-se com a parcimónia dos salários, dando ao operariado uma situação miserável, aliás, e infelizmente, suportada sem protesto.

Contudo, os mestres e os encarregados, protegidos pelo soba Domingos para que façam delações, trabalham os seis dias da semana. Só esta desigualdade tem provocado alguns protestos, embora débeis e isolados. É como um dos encarregados se escusasse ao papel de espíada, passou também a trabalhar apenas quatro dias, tendo sido agora despedido brutalmente, sob a falsa acusação de ter verberado o procedimento do director na presença de operários.

O operário lesado, que se chama Carlos Assunção, ripostou dignamente à atitude incorrecta do director, então, este último, acompanhado do bando de delatores, foi depositar na administração do conchelo o salário que deveria pagar ao despedido, ao qual accusou não se sabe de quê, mas que bastante foi para correr durante três dias a presença da autoridade.

O director Dias, conhecendo a infâmia que andava pondo em prática, julgou-se ameaçado e nunca mais saíu da fábrica, ou de sua casa, devidamente acompanhado, a-pesar-das faniarronadas.

No fim de tudo isto, o que é para desejar é que os operários conscientes formem o sindicato profissional, a-fim-de terem a força necessária para meter na ordem todos os que afrontem o operariado.—C.

CONFERÊNCIAS

«Educação nova»

O professor sr. Mario Pena realiza amanhã, pelas 14 horas, na secção da Universidade Popular Portuguesa de Setúbal, que funciona no Sindicato dos Trabalhadores do Mar, uma conferência sob o tema «Educação nova».

PROPAGANDA SINDICAL

Em Evora

EVORA, 28.—Effectuou-se nas salas da U. S. O. desta cidade, promovida pelo S. U. C. Civil, uma sessão pública de propaganda sindical, que esteve bastante concorrida.

Presidiu à sessão António Tomás, secretariado por Barrão e Afonso Mesquita. Usou a palavra, em primeiro lugar, o presidente que expôs a conveniência da sessão e apontando males que é preciso remediar quanto antes. Estavam representados os seguintes organismos: C. G. T. por Alfredo Pinto; F. C. C., por João Miranda; S. U. M., F. T. R., A. T. R. M. C., S. M. e N. J. S. de Evora.

A seguir ao presidente usaram da palavra: A. Pato, dissertando sobre sindicalismo revolucionário; João Miranda, delegado da F. C. C. referindo-se ao enfraquecimento que a F. C. C. constata na organização sindical; Alfredo Pinto, delegado da C. G. T., lamentando que em pleno século XX, ainda seja necessário fazer-se sessões desta natureza. Acusa as classes trabalhadoras, sem organização, de inimigos dos trabalhadores organizados. O orador alonga-se em considerações sobre o movimento internacional e nacional. Refere-se ao futebol, condenando-o, porque ele afasta dos sindicatos a mocidade trabalhadora. Antes de se encerrar a sessão o presidente mandou ler uma moção de protesto contra as arbitrariedades de que têm sido vítimas as classes trabalhadoras.

Pouco depois foi encerrada a sessão.

Em Rio Meão

PORTO, 28.—Como se tinha anunciado, effectuou-se, em Rio Meão, a primeira sessão de propaganda da série que a Federação Metalúrgica do Norte se propoz efectuar após a reorganização do Sindicato Metalúrgico daquela localidade.

Presidiu Manuel da Costa Marques, secretário Jacinto Valet e Francisco Costa Campos. Depois do presidente ter feito várias considerações alusivas ao acto, falaram: Vaz Osório, pela Federação Metalúrgica, e Zacarias de Lima, pela Delegação Confederal do Norte—os quais dissertaram largamente sobre a organização sindicalista revolucionária, enaltecendo-lhe os seus métodos de acção e a sua finalidade ideológica que há-de conduzir toda a humanidade para uma sociedade perfeita de fraternidade e felicidade íntimas.

A sessão decorreu com entusiasmo, ficando todos os presentes bem impressionados.

AS GREVES

Aos operários canteiros da Construção Civil

O Sindicato da Construção Civil do Porto previne que, encontrando-se em greve os canteiros de Corunha (Espanha), pela conquista de melhor situação, nenhum operário de Portugal deve seguir para ali a trabalhar, accedendo assim ao apelo de solidariedade lançado pelos operários em luta. Na sede do sindicato, rua da Boavista, 327, 2.º, se prestam todos os esclarecimentos, das 19 às 23 horas.

Ainda não cessou a greve das chameleiras

ALDEGALEGA, 28.—Sentindo-se impotentes a sulcar a greve das operárias chameleiras, os industriais deram-se a espalhar calumnias, accusando várias grevistas de terem agredido amarelas e arranjando por vários meios quem se disponha a testemunhar factos inventados. Uma das operárias acusadas é Balbina Baptista, cujo julgamento se deve effectuar na próxima segunda feira, e estando a defesa a cargo do dr. Sobral de Campos.—C.

SOLIDARIEDADE

Pró-António Ferreira

No Salão de Festas da Construção Civil realiza-se hoje, pelas 21 horas, uma grandiosa recita promovida por uma comissão de amigos em benefício de António Ferreira que se encontra impossibilitado de trabalhar devido a uma grave doença.

Toma parte nesta recita o grupo dramático «Mocidade Recreativa» e alguns cultores da Canção Nacional.

INSTRUÇÃO

Escola Commercial de «Veiga Beirão»

A'manhã, realiza-se na Escola Commercial de «Veiga Beirão», pelas 15 horas, uma sessão solene comemorativa do 2.º aniversário da Associação Escolar dos Alunos deste estabelecimento de ensino.

Reunindo em Bruxelas, no próximo mês de Junho, o «Conseil International des Recherches», de que Portugal é membro efectivo, foi determinado pela pasta da Instrução que o governo português seja representado nas respectivas sessões pelo professor da Universidade de Coimbra sr. dr. Francisco Miranda da Costa Lobo, presidente da Secção Nacional das União Internacionais de Astronomia, Geodésia e T. S. F. e da Secção Nacional da União Internacional de Matemática.

—Foram nomeados para a regência interna das 2.ª, 3.ª e 10.ª cadeiras da Escola de Belas Artes do Porto, respectivamente os srs. José Marques da Silva, Júlio José de Brito e António Peres Dias Guimarães.

Secção Telegráfica

Federações

JUVENITUDES SINDICALISTAS

«Voz Sindical».—Vão esperar secretários administrativo e instrução, domingo.

MOBILIARIA

Anibal Dantas.—Segue o relatório de Guimarães. Procura-o no café Paris.

CRISE DE TRABALHO

Metalúrgicos

Reuniram na sede do S. U. Metalúrgico, em sessão magna, os operários metalúrgicos que para tal tinham sido convocados por um manifesto que foi profusamente distribuído.

Expostos os fins da sessão pelo camarada Lourenço, Joaquim de Sousa passou a relatar os trabalhos realizados pela comissão de melhoramentos durante os meses de Março, Abril e Maio, bem como as demarches effectuadas junto da Associação Industrial, do ministro do Comércio e de outras entidades do Estado no sentido de ser delibada a crise de trabalho. Dêsse relato verificou-se que todas as entidades industriais e oficiais que foram procuradas mostraram, por este momento problema que afecta gravemente as classes operárias, a maior das indifferenças.

António Alves Gravelho procede em seguida à leitura das reclamações que foram entregues à secção metalúrgica da Associação Industrial e ao ministro do Comércio.

Joaquim de Sousa apresenta a seguir, em nome da comissão de melhoramentos, a seguinte moção:

«Considerando que todo este estado de cousas que afecta os operários, obedece a uma reacção capitalista internacional, esboçada pelos países de maior desenvolvimento industrial, a cuja reacção os pigmeus portugueses como vassallos querem obedecer ou imitar e, ainda atendendo ao virus da política que tem grande influencia no caos industrial e agrícola em que o país se encontra, o que se reflete na situação económica dos trabalhadores, factor que os faz permanecer em condições degradantes sob o ponto de vista moral, físico e social;

que o pedantismo do industrialismo nacional, vulgariza-se mais pelo ciganismo rotineiro, do que em empresas de produção; razão porque na região portuguesa está tudo por fazer e a ela está falta de utensílios, matérias primas, máquinas, artefactos, manufacturas e respectivas fábricas adequadas às necessidades dos povos; como a falta de habitação, lavoura e transportes; que a crise que actualmente afecta a classe metalúrgica, é a resultante da acção do retraimento das forças vivas, que criminalmente vão amealhando os capitais adquiridos pela vil exploração e que amontoam fortunas nos Bancos estrangeiros;

que a valorização do escudo em nada veio beneficiar a classe operária, pois que o custo da vida continua afectando a situação dos mesmos, com agravante da inflação, ficarmos ainda pior, porque a crise provocou a miséria nos atingidos; a valorização do papel moeda jogou da rapinagem financeira, só aos grandes industriais, comerciantes e agricultores interessa, importando o que lhes convem para o seu meio de exploração, embora em prejuizo do mercado nacional, ou mesmo transaccionado com este; que a atitude da Associação Industrial Portuguesa sobre crise de trabalho, é duvidosa pela sua expectativa e pode tornar-se a conta de cumplice do caos que enferma o país e consequente da desmoralização e desequilíbrio económico que atinge os trabalhadores;

que a mesma entidade patronal, tem sido solicitada a sua interferência para providenciar sobre a crise, pelo Sindicato Metalúrgico de Lisboa e, até hoje tem-se furtado à realização de trabalhos tendentes a minorar esta triste situação e antes tem aconselhado os seus concóios a reduzir os salários e a exercer pressões sobre os operários que a tal se oponham; finalmente que o Sindicato Metalúrgico não só procurou a Associação Industrial, como também tem procurado e reclamado junto de várias entidades do Estado, a-fim-de obter algo que possa aliviar a crise que lava na classe e até hoje nada se conseguiu, pelo que os corpos gerentes deste sindicato, constataam o propósito de se eternizar este estado de coisas, pelos que têm interesses ligados na exploração e dominação na sociedade capitalista, problema que só tem solução, quando os operários unidos agirem energeticamente, conquistem o que de direito têm, pois que provado está a evidência que jamais em regime burguês a classe trabalhadora conseguirá uma estabilidade produtiva de equilíbrio económico e paz social;

Os metalúrgicos reunidos em sessão magna na sede do seu sindicato em 27 de Maio, resolvem:

1.º Nomear uma comissão de agitação contra a baixa de salário e pró-horário de trabalho, composta de 5 membros representantes do Sindicato (central) e secções sindicais;

2.º Chamar a atenção da Câmara Sindical do Trabalho sobre a questão da crise de trabalho bem como a Federação Metalúrgica, a-fim-de estes organismos agitem a questão, local e nacionalmente por intermédio das secções confederais.

Usaram ainda da palavra Eloi, Manuel Ferreira da Silva, José Gonçalves, Henriques Figueira e Fernando Gomes, os quais se insurgiram contra a reacção capitalista e o Estado e atacaram a indifferença da maioria dos operários que preferem ao sindicato o foot-ball e a taberna.

Realiza-se no dia 6 do próximo mês de Junho, pelas 14 horas, a inauguração da sede da Junta Sindical da Zona de Alfama, que será na rua do Paraíso 28, 1.º.

Na sessão inaugural far-se-ão representar a C. G. T., a Câmara Sindical de Trabalho, e diversos organismos operários. Haverá também uma conferência por Santos Arranha.

Pessoal do Municipio

Realizou-se na passada quinta-feira a assembleia magna desta classe a qual apreciou as demarches que foram feitas junto da veracção pela Comissão de Melhoramentos, verberando o procedimento infame da maioria para com as reclamações. Apreciou também a possibilidade de meter a Câmara em tribunal, bem como a necessidade da saída de um jornal da classe. Aproveitou uma moção dando toda a força e apoio à Comissão de Melhoramentos para elle continuar a tratar dos interesses da classe, e não sendo possível tratar convenientemente os assuntos dados para a ordem dos trabalhos devido ao adiamento da hora, ficaram os mesmos para serem tratados na próxima assembleia geral que se realiza brevemente.

VIDA SINDICAL

C. G. T.

Comité Confederal

Reúne hoje pelas 21 horas o Comité Confederal.

COMUNICAÇÕES

Sindicato Unico Metalúrgico.—Reuniu a Comissão Administrativa que depois de aprovada a acta transacta apreciou o expediente que constava dum officio da comissão escolar do S. U. da Construção Civil que foi tomado em consideração: De outro officio da Junta Sindical da Zona de Alfama pedindo a bandeira e o envio dum delegado à sessão da sua inauguração, sendo atendido e nomeado José dos Santos para representar o sindicato nessa sessão; officio da comissão reorganizadora da secção sindical metalúrgica do Alto do Pina, comunicando a sua reorganização e pedindo um delegado para assistir a uma sessão na próxima quarta-feira, sendo nomeado Ferreira da Silva; officio de Abílio Jaime, Barreiro, sendo tomado em consideração; officio de Bernardino Santana, pedindo a sua demissão de secretário administrativo por deixar de ser metalúrgico, sendo aceite esse pedido; um cartão do convite da Liga de Acção Educativa, sendo tomado em consideração, e lastimam não poder enviar delegado a assistir à assembleia desse organismo em virtude do convite ter chegado tarde; recebeu, também, um cartão da Universidade Popular comunicando que, por motivo de força maior, não se pode realizar a conferência que ontem o professor sr. Ferreira de Simas devia effectuar na sede de este sindicato, ficando transferida para o próximo dia 3 de Junho. Apreciou vários assuntos de caracter interno e tomou nota de várias reclamações de associados. Resolveu que, interinamente, António Vicente occupar o lugar de secretário administrativo e reunir na quinta-feira da semana próxima.

REUNEM-SE HOJE.

S. U. Mobiliário.—A's 21 horas, os delegados de officina que ontem não compareceram, para um assunto importante.

A's 20,30, horas, o pessoal da casa Elias Paulino, para um assunto de seu interesse.

Federação Ferroviária.—Pelas 18,30 horas, a comissão executiva.

DIAS PROXIMOS:

S. U. Mobiliário.—Reúne na próxima terça-feira a assembleia magna para se occupar de assuntos de grande importância para a situação do operariado da indústria.

SINDICATOS DA PROVINCIA

Câmara Sindical do Trabalho do Porto.—Reuniu o Conselho Geral desta Câmara, estando representados os seguintes organismos: Sindicatos Unicos dos Metalúrgicos, da Construção Civil, Calçado, Couros e Peles, Têxteis, Vestuários e Mobiliário; Liga das Artes Oficiais, União dos Empregados no Comércio e dos Jardineiros e Associações de Classe dos Litógrafos, Confeiteiros e Artes Correlativas, Manipuladores de Pão, Barbeiros, Chauffeurs, Vidreiros, Manipuladores de Tabaco e Metalúrgicos de Crestuma.

O expediente constou apenas de um officio-carta vindo de uns camaradas de Vigo, solicitando alguns informes sobre as possibilidades de uma excursão de propaganda e cultura à capital do Norte, e da efectivação de dois espectáculos num dos seus teatros. Feitas algumas considerações sobre o assunto, foi resolvido que a C. A. respondesse, indicando os prós e contras que se offerecem na presente oportunidade.

O secretário geral lucidou o Conselho acerca da próxima edição de um manifesto do partido comunista, em resposta ao da C. S. T., e no qual, segundo os trechos duma prova que lhe foram lidos, se desce ao papel repente da insidia, da falsidade, da calúnia. Pergunta qual deve ser a atitude da C. A. em face dos ataques baixos que o P. C. tenciona, mais uma vez, dirigir à organização e aos seus militantes. Os ataques individuais são feitos a criaturas que, ou foram irradiadas ou elas se irradiaram por si próprias.

Por aqui se pode avaliar em que baixaza os detractores da organização operária vão caindo.

Falaram quasi todos os delegados presentes, predominando a opinião de que a C. S. T. não se deve medir pela craveira moral dos seus adversários, desce também às discussões imundas das particularidades: a C. S. T., dando, como deu, as explicações necessárias ao publico sobre as deturpações que o P. C. fez à volta das lamentáveis occorências por occasião do 1.º de Maio, nada mais tem que responder. Só o poderia fazer, se a questão fôsse colocada no terreno doutrinario.

Após animada discussão, foi por fim aprovado um alvitre do delegado dos litógrafos:

«Para que os sindicatos que constatarem que no manifesto a editar pelo P. C. são incluídos nomes de indivíduos que desfalcaram vários organismos, estes fiquem com o dever de, imediatamente, desfazer as calúnias com que sejam alvejados os elementos atingidos no manifesto; ainda para que a C. A. da Câmara fique autorizada a responder na parte que lhe disser respeito.»

Depois de tratado o assunto da aquisição duma sede para a C. S. T. e demais organismos operários, o Conselho occupou-se do esbulho que a policia administrativa, à sombra duma torpe portaria, está fazendo dumas dependências do antigo Dispensário do Porto, para crianças. Esta arbitrariedade para beneficio duma instituição cuja utilidade, em contraste com aquele estabelecimento hospitalar, é quasi nula, tem despertado a indignação daqueles que estão sempre de atalaia pelas regalias populares. Cerceada aquela regalia do dispensário, amanhã muitas crianças, muitíssimos infelizes, ver-se-hão privados dum tratamento que difficilmente adquirirão.

O C. Geral, em face desta escamoteação desumana, resolveu lavar o seu protesto publico, aprovando, não só o envio de um telegrama ao ministro do interior, naquelle sentido, como também este documento do delegado dos litógrafos.

«Que os sindicatos que têm as suas sedes na freguesia da Sé, desde já se cumdem

o telegrama de protesto desta Câmara a enviar ao ministro do interior, e que a Comissão de Resistência force o operariado a coadjuvar, por intermédio de uma reunião, o protesto desta Câmara ante a ilegal portaria que cede à policia de emigração vários aposentos do Dispensário do Porto».

Foram ainda tratados assuntos sobre a criação das juntas sindicais, e o caso da crise do Algarve, sendo aprovada uma proposta pela qual a C. S. T. louvou a attitude que a União dos Sindicatos de Faro tomou em tal conflito, attitude que está dentro do espirito sindicalista revolucionário por que se orienta a organização operária.

S. C. Civil do Porto.—Reúne-se na próxima terça-feira, pelas 19 horas, a comissão administrativa, a-fim-de apreciar, entre outros assuntos, a attitude tomada pela sua delegacia à reunião magna das colectividades interessadas na solução das crises de trabalho e de habitação.

JUVENITUDES SINDICALISTAS

Federação.—Secção de Propaganda do Norte.—Em sua última reunião, estudou a melhor forma de intensificar as ligações entre os organismos juvenis, constando-se a reorganização dos núcleos de Covilhã, Manteigas e Coimbra e resolveu-se empregar esforços no sentido de se reorganizar outros. Esta secção voltará a reunir-se na próxima terça-feira, pelas 22 horas.

Comité Federal.—Reúne hoje, pelas 20 horas, extraordinariamente.

—Recomenda-se a todos os núcleos que enviem com a maior urgência os credenciais para os seus delegados.

Núcleo de Lisboa.—Reúne-se hoje, pelas 21 horas, a comissão executiva.

Contra o desleixo da Câmara Municipal

A-fim-de ser apreciada uma representação a dirigir à Câmara Municipal tendente a modificar o mau estado em que se encontram as habitações na área do Alto do Pina, realiza a Comissão Mista de Propaganda do Alto do Pina a segunda sessão da série das que resolveu levar a cabo.

Esta sessão tem lugar, hoje, pelas 21 horas, na sede do Sindicato do Pessoal do Matadouro, 263, 1.º. Usarão da palavra delegados da comissão promotora e das secções Metalúrgica, Manipuladores de Calçado, Construção Civil e Câmara Sindical de Trabalho.

AGREMIações VARIAS

Sociedade «A Voz do Operário».—Reuniu-se anteontem a assembleia geral que elegeu para os corpos gerentes os seguintes consócios:

Comissão administrativa.—Presidente, José Gregório de Almeida; 1.º secretário, Samuel Augusto Correia da Silveira (F. T.); 2.º secretário, Artur Rodrigues; tesoureiro, Manuel dos Santos (F. T.); 2.º tesoureiro, Joaquim Francisco; vogais: António de Matos (F. T.) e Francisco Lopes (F. T.).

Conselho fiscal.—José Dias Urbano (F. T.), José Jorge, Alberto Gonçalves (F. T.), João da Cruz Guerreiro e José Pinheiro da Fonseca (F. T.).

Assembleia geral.—Presidente, Luis António Rezende; vice-presidente, Porfírio Augusto (F. T.); 1.º secretário, Jaime Mendonça (F. T.); 2.º secretário, José de Almeida; vogal, José Rodrigues dos Santos (F. T.).